



**PASSOS**

Revista internacional de comunhão e libertação

Abril 2020

04

***O que vence  
o medo?***

# PÁSCOA 2020

Falta sempre alguma coisa, há um vazio em cada meu intuir. E é vulgar este não estar completo, é vulgar, nunca fui tão vulgar como nesta ânsia, neste “não ter Cristo” – um rosto que seja instrumento de um trabalho não completamente perdido no puro intuir em solidão.

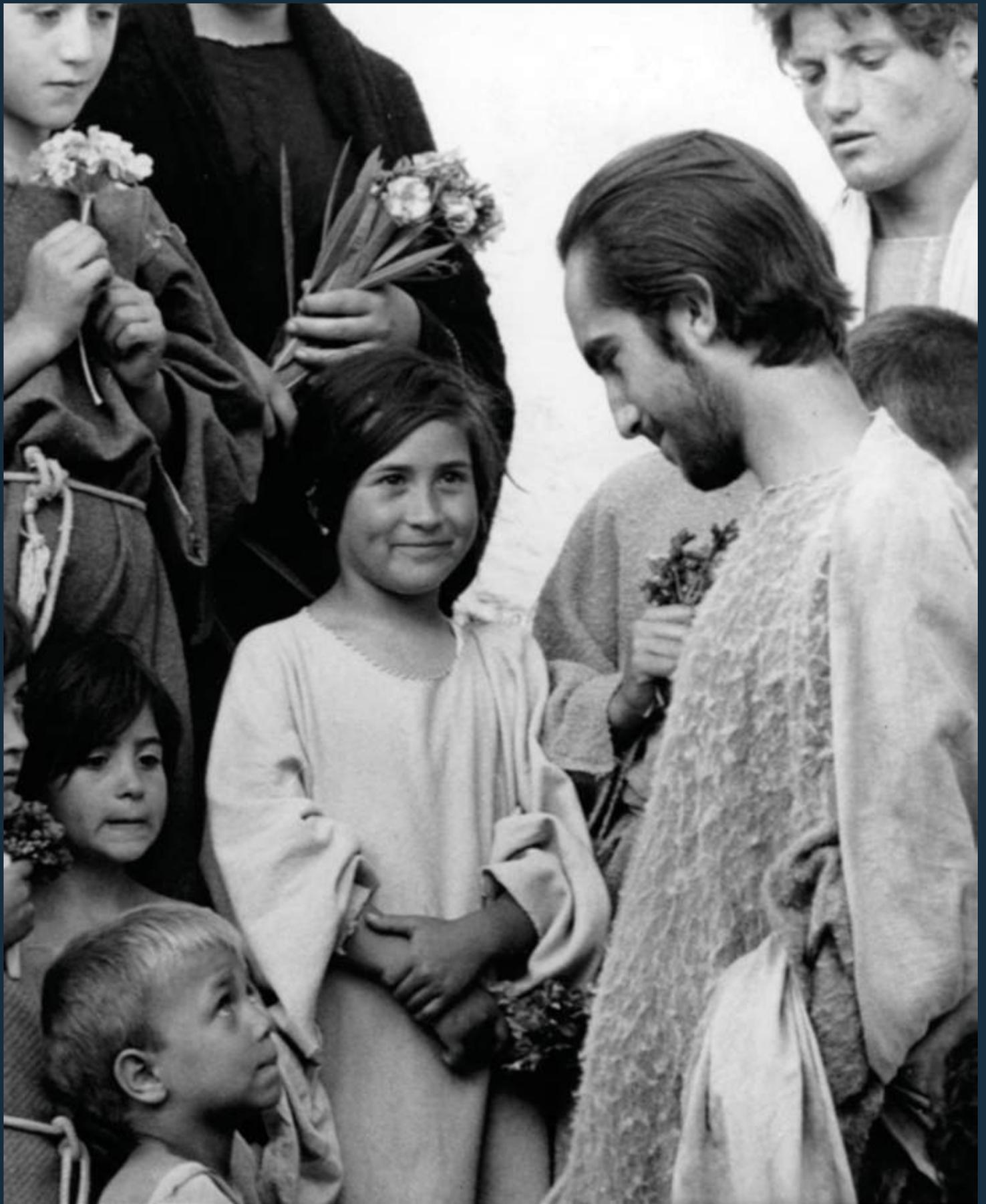
**Pier Paolo Pasolini**

“Que é o homem, para Vos lembrardes dele, o filho do homem para dele cuidardes?” Na minha vida, nunca nenhuma pergunta me impressionou tanto como esta. Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. Porque aquele Homem, o hebreu Jesus de Nazaré, morreu por nós e ressuscitou. Aquele Homem ressuscitado é a Realidade da qual depende toda a positividade da existência de cada homem.

Cada experiência terrena, vivida no Espírito de Jesus, Ressuscitado da morte, floresce no Eterno. Este florescimento não desabrochará só no fim dos tempos; ele já teve início no crepúsculo da Páscoa. Por isso a existência exprime-se, como ideal último, na *mendicância*. O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem, e o coração do homem mendicante de Cristo.

**Luigi Giussani**

Comunhão e Libertação



# Editorial

## O que é que nos arranca do nada?

Milão, 12 de Março 2020

O editorial deste número é a carta que o padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, mandou a todo o movimento.

### *Caríssimos amigos,*

Embora não haja ainda indicações das autoridades quanto ao próximo mês de abril, a atual situação de emergência de saúde pública e as questões ligadas à organização dos nossos gestos obrigam-nos a cancelar todos os compromissos habituais deste momento do ano: os Exercícios da Fraternidade, os Exercícios dos Jovens Trabalhadores, o Tríduo Pascal de GS (Liceus), os momentos da Semana Santa do CLU, as Vias Sacras, a Escola de Comunidade via streaming de dia 1 de abril.

Esta decisão, imposta pela situação de emergência, não faz desaparecer a presença insidiosa do coronavírus no meio de nós nem atenua a provocação que ela representa, não nos permite virar-nos para o outro lado, como se não nos dissesse respeito. Querendo ou não, tem a ver com todos nós. E, com todos, partilhamos a mesma pergunta: como agir como homens perante esta circunstância?

Nestas ocasiões – que o Mistério não nos poupa –, podemos perceber com ainda maior clareza a graça do carisma que nos investiu, ao verificar a sua capacidade de nos pôr diante do que acontece. «A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real» (O sentido religioso, Editorial Verbo: Lisboa, 2000, p. 151), disse-nos don Giussani. É esta conceção da religiosidade que nos faz reconhecer qualquer circunstância como vocação. «Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias por que o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino te faz passar» (Realidade e juventude. O desafio, Diel: Lisboa, 1995, p. 67). Don Giussani estava bem consciente da vertigem que isto introduz na vida: «O homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante deste sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arranca, me chama ao seu desígnio. É dizer “sim” a cada instante sem ver nada, sem ver ninguém, simplesmente aderindo à pressão das ocasiões. É uma posição vertiginosa» (O sentido religioso, op. cit., pp. 186-187).

É difícil encontrar uma expressão mais adequada do que esta para descrever a situação em que nos encontramos quando estamos realmente diante do que acontece: um vertiginoso “estarmos suspensos”

«em cada instante deste sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias». E, no entanto, esta é a única atitude racional, pois é por meio destas circunstâncias que a presença do Mistério, desse «desconhecido “senhor”», nos interpela, nos provoca ao Seu desígnio, à realização da vida.

Mas «a razão não tolera, impaciente, aderir ao único sinal através do qual pode ir ter com o Ignoto, sinal tão obscuro, tão profundo, tão opaco, tão aparentemente casual, como é a sequência das circunstâncias: é como se nos sentíssemos à mercê de um rio que nos arrastasse para cá e para lá» (O sentido religioso, op. cit., p. 187). Nestas semanas cada um de nós poderá ver que posição prevalece: a disponibilidade para aderir ao sinal do Mistério, para seguir a provocação da realidade, ou deixarmos-nos levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de nos distrairmos desta provocação, de evitar esta vertigem. Cada um de nós poderá, depois, verificar a consistência real das “soluções” em que foi procurar refúgio.

Como podemos fazer-nos companhia nesta situação? De que companhia precisamos realmente? Quantas vezes não procuramos uma resposta esvaziando o acontecimento que nos alcançou, reduzindo-o a um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, que nos poupe ao desafio das circunstâncias, em vez de nos impelir a vivê-lo! Mas uma companhia assim não pode responder: em momentos como o que estamos a atravessar, em que a urgência da vida se faz inevitável e poderosa, isso é mais evidente do que nunca.

Um jovem amigo meu formou-se e começou uma vida nova. Em consequência, já não conseguimos ver-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade. Há uns dias queixava-se disso. Lembrei-lhe um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam que se tinham esquecido de trazer pão. Apesar de terem testemunhado dois enormes milagres— duas multiplicações de pães como nunca tinham acontecido na história —, começaram

a brigar entre si por se terem esquecido dos pães. Fiz notar ao meu amigo que Jesus estava lá, ao lado deles, no barco! E eles continuavam a queixar-se! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles era como se não estivesse. E, de facto, discutiam entre si porque não tinham pão! Para mostrar onde estava o problema, Jesus não fez mais um milagre. O que é que adiantaria fazer mais um, depois de todos os que eles já tinham visto? Que contributo dá Jesus, então? Faz-lhes três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» E depois: «Quantos sobraram depois da segunda?» E por fim: «E ainda não compreendem?» (cf. Mc 8,19-21). Como é precioso o contributo que Jesus dá aos seus amigos, ao não lhes poupar as perguntas! Não acrescenta explicações, não realiza outros milagres, mas solicita-os, a partir da experiência deles, a usar a razão até o fundo, de modo a que possam dar-se conta de quem tinham encontrado (tinham com eles o dono da “padaria!”). Atenção: se não tinham compreendido, não era porque estivessem sozinhos ou não dispusessem de elementos suficientes, mas porque ainda não tinham usado bem a razão. Com efeito, Jesus tinha-se-lhes revelado através dos muitos sinais que tinham visto, de uma resposta excepcional, finalmente correspondente ao coração e à sua necessidade de homens, deles e dos outros, em tantas ocasiões, mesmo dramáticas, mas ainda não tinham reconhecido quem Ele era, com aquele reconhecimento que se chama fé e que «floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade» (Gerar rasto na história do mundo, Paulus Editora, Lisboa: 2019, p. 41).

Jesus aproveita toda e qualquer circunstância para mostrar aos seus discípulos a Sua posição diante de tudo o que acontece, de qualquer imprevisto, mesmo doloroso, para que experimentem a pertinência da Sua presença, da relação com Ele — da fé —, às exigências da vida. «O conteúdo da fé — Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado — que surge num encontro, por isso num ponto da história, abraça

todos os seus momentos e aspetos, que como de um vórtice são levados para dentro daquele encontro e devem ser enfrentados do seu ponto de vista, segundo o amor que daí jorra, segundo a possibilidade de utilidade ao próprio destino e ao destino do homem que este sugere» (Gerar rasto na história do mundo, op. cit., p. 36). Se o encontro feito não se tornar para nós como um vórtice para dentro do qual são levados todos os momentos e aspetos da vida, ficaremos perdidos e desorientados diante de qualquer novo imprevisto, perante qualquer novo aperto.

É assim, circunstância após circunstância, na experiência contínua de uma “conveniência” inesperada, que «o encontro feito, pela sua natureza totalizante, torna-se com o tempo [ressaltando: com o tempo] na forma verdadeira de cada relação, na forma verdadeira com que olho para a natureza, para mim mesmo, para os outros, para as coisas. Um encontro, se for totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: ele não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas» (Deixar marcas na história do mundo, op. cit., p. 36).

É a este nível da questão – o reconhecimento da natureza totalizante do encontro, que se torna forma verdadeira de qualquer relação – que vêm em nosso auxílio presenças realmente «amigas», que nos testemunham o caminho que nos permite viver uma situação como a atual. Presenças que não programamos nós, tão excepcionais – ainda que dentro das circunstâncias comuns a todos – que nos deixam sem palavras, em silêncio. «De repente fui catapultada nas trincheiras. Parece que estamos em guerra. O meu quotidiano, no trabalho e na família, mudou de um dia para o outro. Como médica, como mãe, como mulher, passei a dormir em isolamento do meu marido, sem ver os meus filhos há duas semanas, sem poder ter um contacto direto com os doentes. Entre mim e os meus doentes há uma máscara, uma viseira e o escafandro deles. Em geral são idosos que vivem este momento sozinhos. Têm

medo. Morrem sozinhos. E os parentes, isolados em casa, não podem assistir os seus entes queridos, e recebem telefonemas a meio da noite em que lhes comunico a morte do seu familiar: entre mim e eles há o telefone. Que posso fazer eu humanamente por eles, enquanto cristã? Entro na enfermaria, procuro o sorriso e o abraço de uma enfermeira amiga: neste momento de isolamento também preciso de me sentir fisicamente junto de alguém. E só posso abraçá-los a eles. Perante tudo isto, sustenta-me reler todos os dias a carta do Carrón ao Corriere della Sera (“Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, 1 de março de 2020), que me ajuda a voltar a uma posição de abertura, a perguntar-me o que é que no fundo, resiste. Sou chamada a reconhecer o essencial, o verdadeiro. Além disso há todo o percurso feito sobre o texto da Escola de Comunidade: a provação é a maneira com que a fé pode crescer, se a liberdade se jogar diante da Preferência que nos pede tudo. E isso é vertiginoso. Nós temos de confiar e assumir esse risco. A certeza que sustenta a nossa vida é um vínculo, uma ligação, e há um caminho a fazer para chegarmos a esta certeza afetiva. As circunstâncias são-nos dadas para nos ligarmos mais a Ele, que está a chamar-nos de um modo misterioso. A fé é confiar que Ele nos está a chamar. “Só quando domina uma esperança fundamentada é que ficamos em condições de encarar as circunstâncias sem fugir.” Somos chamados mais do que nunca a responder-Lhe, que nos chama misteriosamente. É esta a certeza que posso dar aos meus doentes, aos seus parentes, para além de prestar os cuidados médicos.»

Este é o desafio diante do qual está cada um de nós. Neste momento, em que o nada se espalha, o reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de nos fazermos companhia, que de todo modo deve ser procurada nos limites do permitido. Nada é mais urgente do que esta autoconsciência.

Mesmo não sendo possível fazer os Exercícios da Fraternidade, nada nos impede de prosseguir o nosso caminho para continuarmos a aumentar a certeza, a «esperança fundamentada» de que precisamos absolutamente para viver estas circunstâncias. Envio-vos por isso a pergunta que tinha pensado para a preparação dos Exercícios, nunca tão pertinente à situação como agora: **«O que é que nos arranca do nada?»**.

Todos vimos como foi útil a pergunta enviada no ano passado para estarmos atentos à experiência que estávamos a fazer. Este ano pode ser ainda mais decisivo. Convido, portanto, a quem o desejar, a mandar o seu contributo para [comunicazionifrat@comunioneliberazione.org](mailto:comunicazionifrat@comunioneliberazione.org)

Veremos depois como valorizar, juntos, o percurso das semanas que nos aguardam e como responder da maneira mais adequada às perguntas que surgirem. Abertos ao imprevisto.

É um tempo inédito e dramático. Que alcance podem adquirir os gestos que nos são tão caros, como o Ângelus de manhã, ao meio dia e à noite; o Memorare antes de nos deitarmos; o trabalho quotidiano, pessoal e em família, sobre a Escola de Comunidade; e a jaculatória Veni Sancte Spiritus logo ao acordar e em qualquer instante em que a circunstância se torna tão desafiante que precisamos de gritar para poder estar diante dela!

Lembro-vos a caridade fraterna, com uma atenção às necessidades que surgirem entre nós, permanecendo em contacto como for possível, aproveitando ao máximo todos os instrumentos que a tecnologia hoje nos oferece.

Por fim, segundo o convite do Papa Francisco, «continuamos a rezar pelos doentes, pelos profissionais de saúde, tantas pessoas que sofrem com esta epidemia».

Abraço cada um de vocês nesta Quaresma tão decisiva para a nossa conversão a Cristo, vitorioso sobre a morte.

Acompanhemo-nos, deixando-nos desafiar pelos tempos que vivemos, para não perdermos a ocasião que o Mistério preparou para nós!

Vosso,

**Padre Julián Carrón**

A handwritten signature in black ink that reads "Julián Carrón". The signature is written in a cursive, flowing style.

# Cartas

*Puri, Teresa, Cristina, Helena,  
Matilde, Bruno, José Higino,  
Davide, Juan, Tiago, Pietro,  
Giacomo, Marco e Ignacio*

## No hospital de campanha

Quando ofereci a minha disponibilidade para colaborar neste novo hospital que estava a ser construído na IFEMA (Feira Internacional de Madrid, nt) não sabia o que ia encontrar. De facto, cada dia que vou é diferente. Para ser sincera, nem pensei muito nas consequências. Apenas segui o grande desejo de ajudar em algo tão desmesurado. Estão a ser dias muito intensos cheios de incertezas, medo, desproporção, impotência, insegurança, cansaço...

Impressiona muito o pavilhão onde trabalho. Num espaço grandíssimo foram colocadas umas 250 camas.

4

Como diz uma médica que ali trabalha: “Um mar de camas que parecem barcos a salvar doentes, tentando que não naufraguem”. Para mim é como entrar num Santuário. Lembra-me o Encuentro Madrid. Um vasto espaço despido que se enche de beleza porque Ele caminha connosco. É uma Obra de caridade gigante onde é simples reconhecê-Lo presente. De certeza que isto não estava na mente dos que o construíram, mas para mim é isso.

Eu trabalho embrulhada num EPI (equipamento de protecção individual) que uns voluntários da Protecção Civil me põem (eles também se encarregam de mo tirar quando saio). É o mais parecido com um astronauta. Só se vê os nossos olhos. O nosso nome e profissão são escritos na lapela e nas costas do EPI.

É difícil trabalhar assim. Não te podes mexer à vontade e a expressão reduz-se ao olhar e aos gestos com as mãos (enfiaidas em 4 pares de luvas). Mas apesar destas dificuldades consegues encontrar-te com os colegas e com os doentes. A maioria dos doentes que conheci vem depois de ter passado 2 ou 3 dias nas urgências de algum hospital (sentados numa cadeira) pelo que isto os aliviou muito. Não presenciei ainda nenhuma morte, mas acho que vai chegar, porque a partir de amanhã mudo para outra zona onde internam os doentes mais graves. Entro invocando: “Veni Sancte Spiritus, Veni Per

Mariam” e peço para O reconhecer e levar no meu olhar.

É fácil encontrar-se com os colegas de trabalho. Juntos ajudamos a levantar uma coisa grandiosa e isso sente-se no ambiente. Algo que é um bem para todos (não só para a própria pessoa) e isso faz sair o melhor de cada um (em atenção, disponibilidade, capacidade de sacrifício...)

Está a ser um tempo de Graça. Como diz o Papa: “... este momento de prova é um momento de eleição”. Não posso olhar para aquele pavilhão enorme cheio de camas, onde estão prostrados tantos homens e mulheres, sem pensar na Cruz de Cristo e não posso ver tanta disponibilidade e entrega, tanto sorriso nas caras dos doentes que me chamam pelo nome sem me conhecerem, que se agarram à minha mão com força (porque têm medo), que se alegram por me verem (só os olhos!!!) e ouvirem sem pensar na Ressurreição de Cristo. Ele venceu, nada escapa ao Seu abraço porque está presente e é fácil reconhecê-Lo. Até os aplausos dos que estão em casa me falam d’Ele. É a humanidade que aplaude o dar-se gratuito de tantos. É a humanidade que aplaude (sem o saber) Aquele que se deu até ao extremo. Tudo é sinal d’Ele.

**Puri, Madrid**

## O Único que guarda para sempre tudo o que é bom

Estas duas últimas semanas têm sido uma possibilidade de verificação que aderir ao sinal do Mistério para seguir a realidade introduz um ar novo na vida.

Pensava nisto, porque no meu trabalho, antes de iniciarmos o teletrabalho, tivemos que decidir como realizar uma tarefa que não se podia fazer em casa. Os meus colegas estavam mais assustados do que eu com o Covid e por isso decidi oferecer-me para ir ao banco 2 ou 3 vezes por semana fazer aquela tarefa. Agora que nos é dito que estamos no período mais

perigoso do contágio, o medo de sair de casa é maior; e nenhum dos meus colegas, muito mais novos do que eu, se oferece para a fazer.

Porque é que continuo a fazê-la?

Ofereci-me, e por isso faz parte da minha circunstância, então vou-me dando conta que aderindo-lhe é uma ocasião de maior memória da pertença ao Único que guarda para sempre tudo o que é bom. E daqui nasce também uma simpatia maior por estes meus colegas, que se mantêm em silêncio quando, nas reuniões diárias de início do dia, decidimos se é dia para ir ou não fazer aquele trabalho ao banco.

Realmente, “é assim - que - circunstância após circunstância na experiência contínua de uma “conveniência” inesperada, que o “«encontro feito pela sua natureza totalizante, torna-se com o tempo na forma verdadeira de cada relação, na forma verdadeira com que olho para a natureza, para mim mesmo, para os outros, para as coisas.»” (Carta Carrón 12 de março).

**Teresa, Lisboa**

### **Uma companhia que se torna Companhia**

Quando encontrei o Movimento, ia frequentemente a Lisboa, ali a comunidade espantava-me, ajudava-me muito, e eu ia para poder viver melhor aqui em Aveiro. A certa altura, surpreendi-me porque mesmo aqui em Aveiro, na nossa pequena comunidade, com gente que vai e que vem, começou a acontecer comigo o mesmo que acontecia quando ia a Lisboa. Aí percebi que Cristo está entre nós, mas também quando estou sozinha na minha cidade sem ninguém do CL. Esta “amizade” está sempre comigo. Com o tempo, comecei a entender que a nossa é uma companhia que se torna Companhia, no quotidiano.

**Cristina, Aveiro**

### **Reconhecer a circunstância como vocação**

Com o evoluir da pandemia, na área da saúde (que é a minha área) houve uma tremenda reorganização dos serviços, e uma gigantesca quantidade de mails, mensagens em grupos de trabalho, novas normas de proteção individual, novos circuitos hospitalares, artigos sobre a doença em questão, de tal forma que passei uns quantos dias num stress e num autêntico frenesim só de ler e receber toda esta informação.

Entretanto o colégio dos miúdos fechou e entraram num ensino à distância, com mil trabalhos, mails, WhatsApps e actividades enviadas pelo colégio. E

ao mesmo tempo as informações do trabalho não paravam e este frenesim continuava. A certa altura, estava sentada no sofá com a minha filha mais nova, de 4 anos, a ver um vídeo com uma história que nos foi enviada pelo colégio e que falava de um príncipe que tinha tudo mas que não se satisfazia com nada, queria sempre mais, o seu coração desejava sempre mais. E ao ouvir esta história caí em mim, e pela primeira vez consegui desligar deste frenesim em que andava. Porque eu sou como este príncipe que deseja tudo, que deseja mais, que tem que se perguntar quem sou eu no meio disto tudo que está a acontecer. O mais engraçado é perceber que de facto a única coisa que nos é pedida é responder às circunstâncias que temos diante. Diante da circunstância tão aparentemente pequenina como ver o vídeo da história com a minha filha mais nova, o meu coração é redespertado. No livro sobre a vida de Giussani ele a certa altura diz: “E desde então o instante deixou de ser uma banalidade para mim.” É mesmo isto, nenhum instante é banal.

**Helena, Lisboa**

### **A 3Km/h**

Um pouco ao contrário das pessoas que tenha à minha volta, fiquei bastante “entusiasmada” com este tempo de quarentena. Não porque não tinha de ir à faculdade mas porque podia ser eu a gerir os meus horários, o que me obriga a ser mais responsável. E isto realmente tem vindo a acontecer (claro que também só vamos no início), mas tenho tido mais vontade para fazer os trabalhos e estudar.

Por outro lado, porque me dá uma maior disponibilidade e “tempo” para fazer coisas que já queria à muito tempo mas ainda não tinha tido “coragem” para o fazer. Por exemplo, empenhar-me a aprender coisas novas a nível da culinária, principalmente na área dos doces. Pode parecer banal, mas é uma coisa que sempre me cativou, mas que eu acabava sempre por deixar para 2º plano.

Ainda há uns tempos ouvimos que “nós andamos sempre a mil à hora, mas Deus vai a 3Km/h”. É engraçado como agora “fechada” em casa tenho de andar também a 3 km/h e realmente apercebo-me Dele mais vezes, graças a tantas ajudas como a carta do Carron ou a entrevista ao Pe .Giovanni, dou-me mais conta d´Ele também na família, no estudo, no poder viver a saída dos padres da Fraternidade de S. Carlos e esta situação que estamos a viver a nível global, num horizonte de esperança É realmente incrível!

**Matilde, Alverca**

## Fundados no essencial

Tem-me comovido o trabalho dos professores nestes dias. Temos uma nova forma de trabalhar e de nos relacionarmos, quer entre nós, quer com os nossos alunos e famílias. Estes dias confirmam a humanidade de cada um e como vivemos o nosso trabalho como uma verdadeira vocação. Ninguém se esconde, todos percebem o que está em casa e todos se colocam ao serviço. Fica claro que esta Obra não é nossa, que estamos nas mãos Dele. Resta-nos rezar mais, como o padre João nos pediu, sermos verdadeira companhia uns para os outros e sermos mais originais, ou seja, caridosos!

Muitas pessoas percebem agora quem nós somos, o nosso carisma. Tem sido uma oportunidade ótima para nos ligarmos uns aos outros, fundados no essencial, Nele.

**Bruno, Lisboa**

## Dar-se conta

Uma destas manhãs na deslocação para o trabalho, a pé, sozinho pela rua, ao passar junto de umas árvores oiço o chilrear dos pássaros numa sinfonia alegre e contagiante.

Algo que não ouvia há muito tempo neste local movimentado. O ruído dos carros calava este som maravilhoso.

Pensei logo ao ouvir este som alegre que Deus me brindou, naquele caminho, naquele instante, só para mim, revelou a sua companhia para me afastar o medo neste início de dia.

Afinal a pandemia já tinha começado com os nossos “vírus”.

Do barulho da máquina ao som da criação divina, neste tempo, Deus educa-nos a proteger a sua obra (Homem e Natureza)”

**José Higinio, Alverca**

## Esperando uma boa notícia

«Quando chegarem os inimigos para exterminar o nosso povo, nós responderemos com a beleza dos nossos cantos» (Giussani). Vivemos sete amigos, num apartamento de jovens trabalhadores – quatro italianos, dois espanhóis e um português – numa das ruas mais conhecidas de Madrid. Há mais ou menos dez dias, decidimos cantar duas músicas da nossa varanda depois dos aplausos dedicados a todos os médicos, enfermeiros e pessoal de saúde, às 20h. O que aconteceu

nesse dia surpreendeu-nos, e permitiu-nos perceber que o que tínhamos acabado de fazer um pouco ingenuamente, na verdade, era algo grande e belo. A reação dos nossos vizinhos foi a reação de quem, com surpresa, recebe uma boa notícia, que penetra de repente num horizonte cheio de medo, preocupações e, em muitos casos, solidão. Não foi preciso expressá-lo verbalmente, todos nós queríamos continuar com esta simples iniciativa. Assim, há dez dias que cantamos duas músicas todos os dias, normalmente uma em inglês ou italiano e outra em espanhol, para que também os nossos vizinhos possam cantar connosco. Numa situação tão dramática, a única coisa que podemos oferecer é a beleza da vida que nos alcançou e que encontra no canto uma expressão maravilhosa. E numa situação tão dramática, aflora a necessidade que todos temos. Não há ideologia que a possa ocultar. Um dia, depois de cantarmos, alguém bateu à porta, algo excepcional durante a quarentena. Era uma vizinha que nos deixava uma garrafa de vinho e se escapava em seguida para não violar as normas de distanciamento. Depois de uns minutos, outro vizinho tocou à campainha para oferecer-nos uma garrafa de champanhe. Há quem comunique o seu agradecimento e curiosidade lançando mensagens das próprias varandas. As vizinhas do andar de cima penduraram uma nota pela varanda que dizia: «Vocês cantam lindamente! Porquê?». O que podemos oferecer não é uma atuação perfeita, mas sim o sinal de uma esperança teimosa e incansável. Quando contámos o que estava a acontecer a uns amigos de uma cidade do norte de Itália, muito afetado pelo vírus, comentaram: «aqui deixámos de cantar, também por respeito às vítimas». Depois desta conversa saímos à varanda com uma nova pergunta: posso cantar sendo consciente do número exorbitante de vítimas, da tragédia e do drama que vive já tanta gente sem que este momento se torne um gesto atrevido? Pouco a pouco este encontro diário converteu-se num momento esperado, pelos nossos vizinhos e por todos nós. Ontem, com a mudança da hora e ao haver mais luz, pudemos, por fim, ver as caras de agradecimento das pessoas, e voltámos a surpreender-nos outra vez por um gesto que, apesar de se ter tornado diário, não deixa de ser uma novidade: a única explicação possível para que isto aconteça é que Ele também canta connosco. Toda a gente se alegra ao receber uma boa notícia, a notícia de uma esperança teimosa, como um canto que não se pode silenciar.

**Davide, Juan, Tiago, Pietro, Giacomo, Marco, Ignacio**



**nº 4 abril 2020**

**01** *Editorial*

**02** *Cartas*

**08** *Primeiro Plano*

09 *O Tempo Novo*

11 *O Medo e a Presença*

17 *O Grito da Zona Vermelha*

21 *Somos Teus*

23 *Em Rede mas Sem Rede*

26 *O Que é Que Basta Para Viver*

29 *Disto Não se Sai Sozinho*

33 *Ir à Nascente*

**35** *Percursos*

**52** *Livro do mês*

**53** *Grande Foto*

**55** *A História*



**primeiro plano**

*Ver onde se apoia a  
esperança: é o desafio  
diante do qual cada  
um se encontra  
na emergência do  
Coronavírus*



*O que vence  
o medo?*

# O tempo novo

8

Nunca tínhamos visto uma coisa assim. Pelo menos aqui, no Ocidente, desde os tempos da última Guerra. E, no entanto, está a acontecer. Em três semanas, o Coronavirus derrubou-nos vidas e certezas. Por toda a parte. É inútil elencar números que, quando a revista sair, serão antigos. É inútil atualizar estatísticas, que acompanhamos hora a hora, e que falam – infelizmente – de milhares de vítimas e doentes e de um sofrimento que durará meses. Mas há um dado que é agora seguro: aquela incerteza latente que marcava, de tantas maneiras, as nossas vidas de antes – como um fundo de medo vago de um futuro cada vez mais difícil de enquadrar – passou, de repente, a ser algo presente e concretíssimo. Tornando ainda mais essencial a pergunta que tínhamos colocado há algum tempo e que foi acompanhando também os últimos números da Tracce: neste momento, agora, o que é que nos arranca do nada? Julián Carrón propô-la na carta ao Movimento Comunhão e Libertação, que encontram como editorial, indicando uma bússola para viver esta circunstância como ocasião de crescimento e descoberta para cada um. Mas já a tinha referido, com palavras semelhantes, num artigo no Corriere della Sera de 1 de março: «O que é que vence o medo?». Convidava a que olhássemos para nós, para a consciência de nós próprios. Consciência que emerge numa ocasião como esta, em que já não há lugar para palavras, fórmulas, «coisas já sabidas» mas inúteis para viver. E incitava-nos a procurar «presenças» capazes de vencer esse medo, porque vivem e indicam algo maior: a presença de Deus feito carne. O nosso Primeiro Plano é dedicado a esta urgência tão poderosa. A procurar compreender melhor o que é que está a vir à tona em nós (como acontece com a entrevista a Antonio Polito). E a olhar à nossa volta para «identificarmos estas presenças», grandes e pequenas. No meio da tempestade, como na primeira “zona vermelha” de Itália – a que vive há mais tempo a crise, passando pela consagração aos corações de Jesus e Maria realizada pelo episcopado português e os bispos espanhóis, em Fátima, numa iniciativa inédita na Península Ibérica. No esforço enorme de quem tem uma empresa e já sofre um peso que é previsível que nos próximos meses se torne ainda mais duro. Até ao Uganda da Rose Busingye e dos seus amigos, que estão sempre a braços com a doença e a morte, mas agora vêm-se a descobrir algo mais. Que a todos é necessário para viver.





Milão, a Galeria deserta.



# primeiro plano

© Joe Tabacca/Shutterstock



# O medo e a presença

A fragilidade e os sonhos do tecnicismo, a necessidade do outro e a ausência de autoridade. A emergência Coronavírus faz entrar em crise uma civilização ocidental «cada vez mais indiferente à própria ideia de Jesus». E deixa-nos numa encruzilhada... Fala Antonio Polito, editorialista do *Corriere della Sera*

## «É

uma imagem forte. E é muito eficaz, porque traduz a experiência de cada um de nós». Quando Antonio Polito, 64 anos, editorialista do *Corriere della Sera*, leu o artigo de Julián Carrón, publicado no seu jornal a 1 de março, ficou impressionado com aquela passagem simples e poderosa: «O que é que vence o medo numa criança? A presença da mãe».

Pode parecer estranho ver naquele exemplo uma resposta ao drama que em poucos dias sacudiu o mundo e as nossas vidas. E, no entanto, é um ponto crucial. O Coronavírus atirou-nos, de repente, para a crise mais grave das últimas décadas. Fez emergir «o medo profundo, aquele que nos atormenta no fundo do nosso ser», escreve Carrón: algo a que só «uma presença» pode responder, mas não «qualquer presença. É por isso que Deus se fez homem», entrou na história. E é por isso que é vital, hoje, identificar as suas testemunhas, onde quer que se encontrem, «presenças em que se vê em ação uma experiência de vitória sobre o medo». Em suma, a chave, mais poderosa do que mil análises, é mesmo essa: uma experiência. Mãe e criança. E Polito sublinha-a assim: «Reconheço a necessidade de ter confiança em algo maior que nós, que nos ama infinitamente e, portanto, nos protege. Exatamente como fazemos em crianças. Quando li, o que me veio à ideia foi Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, como é representada em tantos quadros, estás a ver? Abre o seu manto e socorre o povo».

Também ele está agora fechado em casa há vários dias, como (quase) todos. «É uma forma de isolamento social, mas também de proximidade familiar», observa sorrindo: «Pela primeira vez em muitos anos, estamos sempre juntos...». E é dali, da sua sala de estar e de dias densos de descobertas inesperadas («já experimentaste pôr a funcionar o Google Classroom? É um trabalho louco») e de diálogos com os filhos («eles também estão a fazer um esforço enorme para estar blindados, mas percebem o motivo»), que observa a Itália – e o resto do mundo – a braços com um daqueles acontecimentos capazes de fazer vir à tona uma infinidade de coisas.

Antonio Polito, editorialista  
do *Corriere della Sera*.



### **O que é que nos pode libertar deste medo?**

É uma das lições mais importantes a aprender. É urgente, porque isto do Coronavírus é uma coisa muito profunda. Faz entrar em crise pelo menos quatro grandes mitos de hoje, de uma civilização ocidental que se tornou cada vez mais indiferente à própria ideia de Jesus. E digo-o, de certo modo, de um ponto de vista laico.

### **Quais são esses mitos?**

O primeiro, diria, é o da deusa Gea. A Terra, a Natureza. Para alguns tornou-se quase um ídolo. Como se fosse uma divindade em si mesma, de que derivam tantas ideologias: os hiper-ambientalistas mais retrógrados, aqueles que dizem que somos demais, que seria melhor a extinção do homem, que a Terra tem mais direitos do que nós... Não falo do ambientalismo saudável, que fique claro: a natureza é importantíssima e defendê-la é decisivo. Mas pelas suas leis, a vida luta em toda a parte por afirmar-se, até num vírus. E isto tem que ser encarado com razoabilidade. A Natureza não é Deus: faz parte da criação. E isto aplica-se também a um outro mito, igual e oposto: o da Ciência.

### **Também essa indispensável, mas limitada...**

Exatamente. A modernidade vive da ideia de que, seja qualquer for o problema que surja, qualquer que seja a emergência que tenhamos pela frente, a Ciência e a Técnica são capazes de os ultrapassar. Encontramos a solução e toca a andar: problema resolvido. Não é assim. Contra um vírus novo, como este, não existe remédio: temos que começar do princípio, com paciência. Procurando uma vacina que talvez dentro de um ano possa detê-lo, mas sabe-se lá o que terá sucedido entretanto. É uma prova de que a tecnologia não pode tudo. A ciência é fundamental, mas não onipotente. Pode parecer óbvio, mas é uma lição importante para os adoradores da deusa Techne.

### **E os outros mitos desmascarados?**

Vão a par, num certo sentido. Um é o deus Ego, o individualismo. Esta situação diz-nos que, numa condição de emergência, só certos comportamentos coletivos podem dar resultados. As tentativas egoístas, construídas só em torno dos interesses individuais, são tão ineficazes, que acabam por provocar mais danos: se fujo da “zona vermelha” para voltar ao Sul, ou vou encontrar-me com amigos a um bar, porque «até agora só ficaram doentes os velhos», torno-me parte do problema... A velha lei de fundo do mercado – procurar o próprio interesse cria por si só bem-estar para

todos – não se sustenta. Há aspetos da vida em que não é assim, e são aspetos decisivos. Mas ligado a esta ilusão, diria, está também o quarto ídolo, muito italiano: o Caos. Nós estamos convencidos de que, tudo somado, as coisas funcionam melhor se não se seguirem as regras. Ora, não é verdade.

**Talvez haja um outro fator que foi desmentido, ligado ao Ego: alguém lhe chamou «direitismo». Tu formulaste-o assim num editorial: «Há muito tempo que aprendemos a viver só de direitos. Chegou o momento dos deveres».**

No fundo, de onde é que nasce a idolatria do Ego? Do bem-estar coletivo. É típico de uma sociedade opulenta, segura de si, que pensa ter resolvido grande parte dos seus problemas primários e pode, portanto, dedicar-se a cultivar direitos, velhos e novos. Vêm uns atrás dos outros, dos anos sessenta em diante: direito à privacidade, à escolha de género, à autodeterminação... Ora, a emergência põe-nos diante da necessidade de deveres. Chama, no fundo, a uma responsabilidade.

**Carrón observa que numa circunstância assim «vem ao de cima o caminho de amadurecimento que – cada um, pessoalmente, e todos juntos – fizemos», emerge «a consciência de nós próprios que adquirimos». Tu, o que é que vês surgir?**

Um aspeto importante: o sentimento de vulnerabilidade. Reconhecê-lo é decisivo. No mundo dos nossos pais ou avós, em que se morria aos trinta anos, uma epidemia como esta era quase um acontecimento normal. Hoje, não, na nossa época a precariedade é uma coisa que temos tendência a censurar. Pelo contrário, há até uma busca declarada de imortalidade. Enquanto estamos a combater o vírus, no lugar mais avançado do mundo, a

Califórnia do Silicon Valley, há proprietários das Big Tech que investem milhões nas biotecnologias ou na integração entre homem e máquina. Temos já centenas de corpos hibernados à espera de que a ciência encontre maneira de os devolver à vida... O sonho da imortalidade é poderosíssimo na sociedade contemporânea. Que se considera a última civilização, a definitiva, a que pode conseguir libertar o homem da morte. Ora, numa sociedade que vive de uma hybris tão forte que se sente orgulhosa de si, invulnerável, a descoberta desta fragilidade é ainda mais perturbadora. É um trauma terrível. Mas pode ser útil.

*«A sociedade contemporânea considera-se a que pode conseguir libertar o homem da morte. Ora, numa sociedade que vive de uma hybris tão forte que se sente orgulhosa de si, invulnerável, a descoberta desta fragilidade é ainda mais perturbadora. É um trauma terrível. Mas pode ser útil»*

**E o que é que tem a dizer a esta situação o apelo a procurar as testemunhas de «um Deus que se fez homem, se tornou uma presença histórica, carnal»?**

Não sei. Mas uma das razões pelas quais o cristianismo se difundiu tanto no mundo foi precisamente a perspectiva de vencer a morte. E fá-lo com o sacrifício do próprio Deus. É a única religião do mundo em que Deus encarna e passa pela morte para dizer ao homem: todos podem ressuscitar. Há historiadores que defendem que entre os motivos do sucesso – assim chamado – da fé estava o facto de que nas epidemias os cristãos se comportavam de uma maneira diferente: os outros fugiam, eles acudiam aos doentes. Mesmo à custa da

própria vida. Assim ganharam a admiração de todos. «Mas porque é que fazem assim? Vê-se que são protegidos pelo Omnipotente...».

**Hoje ainda é assim?**

A única maneira de combater a morte é a esperança na ressurreição. E identifica-se com a figura de Jesus. É uma resposta que nas últimas décadas se foi desgastando com a secularização, perdeu a sua força. Não me refiro só à redução do número de cristãos, mas precisamente à fé que os próprios cristãos têm na ressurreição. O cristianismo foi reduzido a uma série de preceitos e valores, em parte até passíveis de ser compartilhados pela sociedade laica, mas perdeu-se completamente o seu alcance. E, no entanto, a proposta da

ressurreição é a única maneira de combater a morte na sua raiz. Mais, não só o medo da morte: também a consciência quotidiana da nossa finitude.

**Ou seja, a incerteza existencial, aquilo a que Carrón chama «a incapacidade de enfrentar a vida que temos entre as mãos»...**

Exato. A verdade é que somos os únicos seres vivos capazes de nos imaginarmos e de imaginarmos o mundo, depois da nossa morte, depois de nós. E isto torna-nos estruturalmente precários. Vivemos, desde que nascemos, a nostalgia do infinito. O único remédio, impregnado na tradição ocidental, é a fé em Cristo. Entendido precisamente como o Ressuscitado, como Deus que, enquanto homem, morreu e ressuscitou. Por isso se fala de «graça».

14

*«Para combater uma coisa assim, não nos bastamos. Não só porque sentimos a necessidade de estar juntos, mas precisamente porque somos uma comunidade. Temos necessidade de solidariedade. Mais do que dependência, diria, em sentido laico, «interdependência». Em termos cristãos, é a redenção da misericórdia»*

**Mas então esta situação não se torna uma oportunidade para descobrir que, no fundo, dependemos? Dos outros e talvez de um Outro...**

Bem, a par com a crise da invulnerabilidade há também isto: a consciência, mais do que da dependência, da complementaridade. Para combater uma coisa assim, não nos bastamos. Não só porque sentimos a necessidade de estar juntos, mas precisamente porque somos uma comunidade. Temos necessidade de solidariedade, que o nosso próximo faça qualquer coisa de positivo. Mais do que dependência, diria, em sentido laico, «interdependência». Diante de uma coisa tão grande, os outros são necessários. Em termos cristãos, pensando bem, é a redenção da misericórdia.



### **Carrón fala deste momento como de «uma ocasião a não perder»...**

Sim, percebo isso. Não sei se diria assim. Ninguém está feliz por se encontrar numa ocasião como esta, é como se víssemos um sentido de punição no que está a acontecer. Mas seguramente é uma experiência. Uma coisa que três ou quatro gerações de cidadãos europeus nunca tinham vivido. Não conhecíamos um perigo assim, tão espalhado, que em poucos dias nos trouxe quase a uma condição de economia de guerra. É uma experiência coletiva excepcional, impensável em circunstâncias normais. E seguramente impele a refletir sobre a condição humana.

Teerão, Irão.

### **Como é que sairemos disto, na tua opinião?**

Não sei. Por um lado, vejo sinais negativos. O problema das revoltas nas prisões, por exemplo, abalou-me muito. Não só porque nos esquecemos dos detidos, como de costume, mas porque é mais um fator que se junta a qualquer coisa que tem muito de relato apocalítico. E depois, a sensação é que já não há uma autoridade real, figuras capazes de falar ao país e serem ouvidas: há um bocado o risco da anarquia. Por outro lado, vejo também gestos de grande solidariedade, de abertura, às vezes de heroísmo. Permanece uma dimensão comunitária forte. Em resumo, estamos numa encruzilhada histórica: ou se acusa o golpe, se assenta e se recomeça, ou se arrisca a dispersão... Tenho esperança na primeira hipótese, mas depende de todos nós. ■



# O grito da “zona vermelha”

*Algumas vozes das primeiras localidades em que explodiu o contágio em Itália. O grito de quem vê entrar o medo e depois a morte: na família, no hospital, no trabalho. O rapaz que pergunta: «Sabe dizer-me por que razão devo viver?». E o “sim” dito diante da realidade.*



### Maurizio Vitali

Nascido em 1951, jornalista, dirigiu esta revista (*CL-Litterae Communionis*) de 1977 a 1989, quando passou para o diário *Il Giorno*. De 1998 a 2013 foi diretor da Lombardia Notizie, agência de imprensa diária da Região da Lombardia.

Codogno é uma das dez localidades entre Lodi e Piacenza, declaradas, no dia 21 de fevereiro, “zona vermelha”, a primeira quarantena.

«**N**unca se fez uma Escola de Comunidade assim». Tão intensa, verdadeira, carnal. Tão dramaticamente bela. São os próprios que o dizem, os do primeiro foco do Coronavírus, os de CL de Codogno, Castiglione d’Adda, Casalpusterlengo e zonas limítrofes, a primeira “zona vermelha” onde o contágio explodiu nos finais de fevereiro. A reunião, obviamente, é por Skype. Em poucas semanas, o mundo mudou. À familiaridade com o medo, que era já um belo golpe, juntou-se de forma prepotente a familiaridade com a morte. E assim, dia após dia, «as palavras do anúncio cristão a que a condução do Movimento nos chama sempre e que repetimos muitas vezes, libertaram-se de qualquer resíduo de sentimentalismo e abstração. Agora é mais evidente que aquelas palavras incidem na carne, explicam a vida. Dizemo-las, mas tornou-se impossível dizê-las de coração ligeiro. Agora não lemos, mas devoramos a carta de Julián Carrón ao Corriere e a carta ao Movimento (ver o editorial, ndr.)». É o que diz o Eugenio, 60 anos, especialista em informática. Foi ele que conduziu estas assembleias virtuais da agora famigerada Bassa Lodigiana. E insiste: «A primeira coisa a fazer é responder à realidade. O Carrón disse-nos que esta é uma ocasião a não perder. Muitos amigos estão a mostrar-nos que é a coisa certa». Desde meados de março

que, nesta zona, começaram a diminuir os contágios. Mas no entretanto, as sirenes das ambulâncias dilaceram o ar e a alma, as famílias têm lutos, familiares em cuidados intensivos ou vivem isoladas em casa. Há muito tempo.

**Na assembleia** de Escola de Comunidade fala a Fulvia, funcionária dos serviços de saúde de Lodi. Conta como vive o drama da epidemia minuto a minuto através dos dados que recolhe. Fala dos hospitais que rebentam pelas costuras, das horas e dos dias à espera de uma cama para quem está contagiado, das enfermarias normais sacrificadas para dar espaço aos cuidados intensivos; dos médicos e dos enfermeiros que adoecem às dezenas, muitos deles gravemente. E os mortos: tantos, todos os dias. «Nenhum de nós estava habituado a ver morrer assim. O medo: imaginem se temos medo! E o sentimento de impotência. Doentes que parecem melhorar e depois, de repente, cedem e deixam-nos. Médicos e enfermeiros, os nossos defensores e protetores, também eles atingidos e vergados pela doença. A secreta convicção de que a ciência médica saberia controlar a situação, pelo menos 98%, e que se desfaz em pedaços. Pacientes em isolamento que morrem sozinhos, sem os afetos familiares e o conforto dos Sacramentos». Mas em tudo isto, vejam só: «Estou a viver uma Quaresma sem comparação, como consciência e tomada do meu coração.



18

■  
Londres, Inglaterra

Vejo a dor de Cristo e ela toca-me. Trabalho muito, mais do que antes, mas consigo encontrar tempo para a oração, para estar nos gestos propostos pelo Movimento. Aquilo que me acontece revela-me a mim mesma, faz-me reconhecer o que corresponde ao meu coração. Aquilo que aconteceu – não estou doida – é um milagre».

Também as aulas são via Skype, ou outra coisa do género,. A Benny é uma jovem professora. São em grande número os seus alunos, de 15-18 anos, que participam com uma atenção inédita. Um dos mais velhos, a dada altura, liga-se de forma agressiva e fora do tema. Diz: «Há quinze dias que não me lavo e não me visto. Sabe dizer-me que motivo teria para o fazer? Sabe dizer-me por que razão devo viver?». «Estava a perguntar qual era o sentido da vida, sem rodeios», diz a Benny: «Então lembrei-me de um amigo de quando eu tinha 16 anos, ele 26, um bonito rapaz, que foi para padre. Perguntei-lhe por que razão renunciava a uma mulher e uma família. Respondeu-me: “Olha, eu sou como uma florzinha da montanha. As pessoas não me veem, não me podem colher, mas é bonito que eu exista, que Deus me tenha querido”. Então eu disse ao aluno que também ele era assim, uma florzinha da montanha. Dias depois, lavado e vestido, voltou a ligar-se: “Hoje sou uma florzinha da montanha perfumada, só para si”. Cá está, desejar Cristo dá oxigénio e reanima-nos».

# «Algumas seguranças talvez sejam empecilhos. Agora amplifica-se a pergunta sobre onde apoiar a nossa consistência»

Intervém a Betty, uma senhora que sofre de uma asma que, nestes tempos, não ajuda: «Somos mais humanos na forma de nos olharmos. Com os amigos, e com o próprio Bispo: há mesmo uma companhia guiada para o Destino. Andaram que nem loucos para encontrar a máscara adequada, dada a minha condição...Conseguiram. Modelo ffp3, o top». Daria para escrever um livro, se contássemos tudo. Citamos só ainda o Francesco, angustiado por ter de estar em casa e «não poder ir a jogo: é como se recuasse, e isso não me parece bem». E o Eugénio que lhe diz: «Mas olha que o que a partida que tens de jogar pode ser precisamente o facto de teres de estar em casa». Partida da privação é como pode ser definida a do Carlo, 64 anos, informático, reformado há um ano. Esteve cinco dias internado devido a um problema cardíaco. Em compensação a filha, enfermeira, não estava bem e não estava de serviço. «Não imaginava experimentar o sentimento de privação que senti. Sobretudo, a falta da Eucaristia: como no Sábado Santo, quando Jesus está no sepulcro. Só que isso é um dia, aqui não se sabe quando vai acabar... É como uma Quaresma vivida radicalmente». Marco, 54 anos, responsável pela Cooperativa social “L’officina” de Codogno, joga a sua partida

com os jovens autistas. De um dia para o outro, deixaram de poder trabalhar, nem sequer ir à sede. Diz-nos: «As seguranças do dia-a-dia foram pelos ares. Não sei qual será o destino da Cooperativa. Mas algumas seguranças talvez sejam empecilhos. Agora amplifica-se a pergunta sobre onde apoiar a nossa consistência. E estou certo de que não estou sozinho. Tenho amigos que nunca deixaram de me fazer sentir a companhia de Alguém que nunca me abandonou».

Quando explodiu o vírus, Eugénio estava convalescente devido a uma operação: há alguns dias, antes de voltar ao trabalho, a casa, à pergunta «Com que ânimo vives esta situação?», respondeu com as palavras do WhatsApp que o seu Bispo (monsenhor Maurizio Malvestiti, Bispo de Lodi, ndr.) acabara de mandar: «A situação não é fácil, como sabes, mas quero estar na Realidade, certo de que com o tempo poderei surpreender o porquê do passo que o Mistério bom me está a pedir». E a resposta? «“Estão na Eucaristia diária! In silentio et spe... ao compasso com o Mistério”». «Sine dominico non possumus». Não podemos viver sem celebrar o dia do Senhor. Era a mensagem difundida pelo pároco de Caselle Landi, padre Edmondo Massari, para convidar os fiéis a seguir a

Missa dominical em streaming. A citação é a frase de um dos quarenta e nove mártires da Abissínia, enviados para a morte por terem celebrado a Eucaristia, decretada ilegal por Diocleciano. O padre Edmondo, de 45 anos, viu a explosão do vírus, no início, «quase come um pesadelo, com dor e preocupação». O doente número um, Mattia, é seu amigo. «A Missa em streaming, que eu e vários padres fazemos, foi uma experiência positiva, mesmo na dor de não celebrar com o povo. Por exemplo, convidei filhos ou netos de pessoas idosas doentes para se ligarem. E assim, jovens que talvez não fossem à Missa acompanharam-na com os seus idosos». O que é que estamos a aprender com esta experiência? «Temos medo, mas sobretudo, temos medo de ter medo, ou seja, de nos mostrarmos e reconhecermos por aquilo que somos: frágeis, criaturas dependentes de um Outro. O risco é o de, em vez de tomarmos consciência disto, transmitirmos o medo como distância do outro, suspeita. Por isso devemos confiar-nos ao bom Deus que não nos está a castigar, mas nos desafia a procurar o Essencial».

O Essencial faz-se ver de muitas maneiras à Paola, de Lodi: «No início nós, fora da “zona vermelha” mas com tantos amigos dentro, tremíamos por eles. Agora fomos tocados de forma direta. Eu sinto

«Expliquei a situação aos meus filhos. Entro em casa e vou direta para a casa de banho, evito contactos, como no quarto. “Fazem-me falta os teus braços”, disse-me um deles. Estamos nas mãos de Deus. É isto. Desde o início da emergência que o meu dia é um “sim” contínuo».

20 cem vez mais intensamente a grande necessidade de «Alguém que nos liberte do mal», para usar a letra de uma canção do Claudio Chieffo, que vinca a minha incerteza. E vejo que este Alguém existe. Vejo-O presente no testemunho dos meus amigos. Verdadeiros amigos, não companheiros superficiais. Como a Roberta, em primeira linha, um apelo contínuo a recentrar-me em Cristo. Como uma outra amiga, com o marido em estado muito grave em Pavia, que me confia estar desfeita mas serena, certa de um Destino bom. Conheço-a bem: não é uma visionária. Ou no blog do padre Cesare Beltrami, que é uma verdadeira companhia quotidiana».

**O que é que resiste ao impacto** da realidade? Conta-me ainda o Eugénio: «No ano passado, depois dos Exercícios Espirituais, alguém dizia não perceber o que seria este “impacto”. Bem, parece-me que agora não são precisas muitas explicações. A pergunta vem do coração que grita a necessidade de Alguém presente». O grito. «Não tenhas medo de pedir aquilo que o teu coração deseja. Pede a força de dizer “sim” ao que a realidade te pede. Grita-o». Roberta ouve o seu amigo padre Cesare dizê-lo, «alguém que me ajuda a levantar o olhar». Os padres, habitualmente, não usam a palavra «grito». É uma coisa forte, não de uma homilia normal. Mas a Roberta não tem de ouvir homilias, tem de resistir ao impacto violento da sua realidade. É médica no hospital de Lodi, gastroenterologista agora doutorada em reanimação. Nos primeiros dias, turnos de 12 horas, depois um pouco mais pequenos porque muitos não aguentavam. Cada manhã, uma corrida de 20 minutos antes de se vestir, o que dura um bom bocado: fato, máscara, touca, sapatos, cobre-sapatos, depois luvas... E o inverso no final do turno. Mas isto não é nada. Colegas médicos e enfermeiros que já não estão ao seu lado porque estão contagiados, alguns em estado

grave. Não chegas para tudo. Tens de reanimar um, outro morre a poucos metros de ti. E depois em casa: quatro filhos, que é preciso acompanhar, pais idosos... «É um choque pessoal, aquilo que estou a viver: estou diante da morte todos os dias, com decisões terríveis, com cansaço e dor. Hoje tivemos o nosso primeiro doente com alta; mas muitos continuam a morrer sozinhos, sem familiares e sem padre. E dou por mim sozinha com eles. A traçar-lhes o sinal da cruz, e a dizer um Requiem, como me sugeriu o padre Cesare». Chora muitas vezes, a Roberta. «Dentro de mim. A própria fé é posta à prova. Sou uma mulher limitada, não uma heroína. Pensei em Jesus no Getsemani. O meu grito é a Deus, mas saber que alguém reza por ti é uma energia renovada. Pedi para receber os santos óleos». E na família? «Expliquei a situação aos meus filhos. Entro em casa e vou direta para a casa de banho, evito contactos, como no quarto. “Fazem-me falta os teus braços”, disse-me um deles. Estamos nas mãos de Deus. É isto. Desde o início da emergência que o meu dia é um “sim” contínuo». Na vida, diz, «atravessei circunstâncias complicadas; esta agudiza tudo, todas as perguntas: de quem sou eu? E Tu, Tu o que queres de mim? Estou a redescobrir também a minha vocação de médica: que raio de tarefa me estás Tu a pedir para realizar? E digo “sim”, nem que seja só por isso». ■

# Somos teus

*Iniciativa histórica: bispos espanhóis juntaram-se ao episcopado português. A consagração aos Corações de Jesus e de Maria, realizada em Fátima, a 25 de março, contou também com a adesão de outras 24 nações.*



**Aura Miguel**



© Papa em Fátima 2017

21

Desde os alvares da sua nacionalidade, no século XII, Portugal confia-se a Jesus e à Imaculada Conceição. Várias vezes, ao longo dos séculos e em situações de gravidade da nossa história, fixamos o olhar no essencial e pedimos ajuda a Jesus e a sua Mãe. Só para dar um exemplo mais recente do século XX, foi o que aconteceu em Fátima, por decisão do episcopado, a 13 de maio de 1931, para consagrar Portugal ao Coração Imaculado de Maria e, a 13 de maio de 1938, para implorar que a nação fosse poupada à segunda guerra mundial.

É neste “contexto genético”, e em plena pandemia Covid-19, que surge a consagração do passado 25 de março. Em tempos de aflição, pedimos ajuda a Cristo e a sua Mãe.

Movidos pela mesma fé, os bispos espanhóis juntaram-se aos portugueses, num gesto inédito na história da Península Ibérica. Numa entrevista conjunta às Rádios católicas de Portugal (Rádio Renascença) e de Espanha (Cope), Mons. Luis Javier Arguello, secretário executivo da conferência episcopal espanhola, explica que esta união resulta da “relação de amizade consolidada nos últimos anos entre os dois episcopados” e “da profunda devoção do nosso povo à Virgem de Fátima”.

A esta consagração associaram-se, entretanto, outras 24 nações. De joelhos diante da Imagem da Virgem de Fátima, o bispo local, cardeal D. António Marto, recordou o exemplo dos pastorinhos, eles próprios vítimas da gripe e, sobretudo, a Jacinta que morreu em solidão, num hospital de Lisboa. E, com repetida insistência, o cardeal Marto implorou o fim da pandemia para “Portugal e Espanha, nações que tuas são”. É a nossa identidade: pertencemos-Lhe, como irmãos. Unidos na certeza da vitória de Deus, da Sua presença real e contemporânea e da poderosa intercessão de Maria Imaculada.

Por isso, este “método” vale para todos, como escreveu recentemente Julián Carron. “É uma presença, não as nossas estratégias, a nossa inteligência ou a nossa coragem o que mobiliza e sustenta a vida de cada um de nós”. ■



### **Ato de Consagração**

**Coração de Jesus Cristo, médico das almas,**  
Filho amado e rosto da misericórdia do Pai,  
a Igreja peregrina sobre a terra,  
em Portugal e Espanha, nações que tuas são,  
olha para o teu lado aberto, sua fonte de salvação, e  
suplica:

— *nesta singular hora de sofrimento,*  
*assiste a tua Igreja,*  
*inspira os governantes das nações,*  
*ouve os pobres e os aflitos,*  
*exalta os humildes e os oprimidos,*  
*cura os doentes e os pecadores,*  
*levanta os abatidos e os desanimados,*  
*liberta os cativos e os prisioneiros*  
*e livra-nos da pandemia que nos atinge.*

**Coração de Jesus Cristo, médico das almas,**  
elevado no alto da Cruz e tocado pelos dedos do  
discípulo no íntimo do cenáculo,  
a Igreja peregrina sobre a terra,  
em Portugal e Espanha, nações que tuas são,  
contempla-Te como imagem do abraço do Pai à  
humanidade,  
esse abraço que, no Espírito do Amor, queremos dar  
uns aos outros  
segundo o teu mandato no lava-pés, e suplica:  
— *nesta singular hora de sofrimento,*  
*ampara as crianças, os anciãos e os mais vulneráveis,*  
*conforta os médicos, os enfermeiros, os profissionais de*  
*saúde e os voluntários cuidadores,*  
*fortalece as famílias e reforça-nos na cidadania e na*  
*solidariedade,*

*sê a luz dos moribundos,*  
*acolhe no teu reino os defuntos,*  
*afasta de nós todo o mal*  
*e livra-nos da pandemia que nos atinge.*

### **Coração de Jesus Cristo, médico das almas e Filho da Virgem Santa Maria,**

pelo Coração de tua Mãe,  
a quem se entrega a Igreja peregrina sobre a terra,  
em Portugal e Espanha, nações que, desde há  
séculos, suas são,  
e em tantos outros países,  
aceita a consagração da tua Igreja.  
Ao consagrar-se ao teu Sagrado Coração,  
entrega-se a Igreja à guarda do Coração Imaculado  
de Maria,  
configurado pela luz da tua Páscoa e aqui revelado  
a três crianças  
como refúgio e caminho que ao teu coração  
conduz.

Seja a Virgem Santa Maria, a Senhora do Rosário  
de Fátima,  
a Saúde dos Enfermos e o Refúgio dos Teus  
discípulos gerados junto à Cruz do teu amor.  
Seja o Imaculado Coração de Maria, a quem nos  
entregamos, conosco a dizer:  
— *nesta singular hora de sofrimento,*  
*acolhe os que perecem,*  
*dá alento aos que a Ti se consagram*  
*e renova o universo e a humanidade.*  
Amém.

Fátima, 25 de março de 2020

# Em rede, mas sem rede

*A escola que fecha de repente e muda completamente. Muda a perspectiva de tudo, como sucede numa lição vídeo. E o ponto já não é “segurar” os jovens, mas “a sua liberdade de estar diante”... O testemunho de uma jovem prof.*



Paulo Perego

23

«**L**ogo agora que tinha encontrado um equilíbrio perfeito. Que as coisas funcionavam bem, em todas as turmas. Programa cumprido, os testes, as avaliações, os exames”. E, acrescenta, também um bom clima com os estudantes, interessados, atentos, jovens com quem era apaixonante dialogar acerca de tudo, sem concessões. E em vez disso “escolas fechadas”, diz Marta Maj, professora, trinta e cinco anos, Milão, uma cadeira de Letras em três turmas (duas do 9º ano e uma do 12º) num instituto técnico da cidade. Há poucos dias começaram as aulas vídeo. E agora conta aquilo que lhe sucedeu, no seu ambiente, diante daquela que foi agora declarada “pandemia”.

“Foi de loucos. Sou uma pessoa que gosta de fazer, e vivo com pessoas que, nesta ocasião, estão a trabalhar na linha da frente. E eu? Como podia estar em casa

de braços cruzados? O que podia fazer pelos meus alunos?”. A 22 de Fevereiro, as últimas horas na sala.

Tinha acabado de explodir a bolha de Codogno. “Prof, não tem medo?”, perguntou uma aluna do décimo-segundo ano. Começou o debate: “Vamos aproveitar o instante”, disse um outro, citando um rapper. “É uma possibilidade...”, replica Marta: “Se a vida não está na nossa mão, como estamos a dizer, podemos divertir-nos agora. Ou deixarmo-nos levar pelo pânico. Mas estamos certos de que não há uma alternativa? Se não está nas nossas mãos, o que é a vida?”. A pergunta permaneceu em aberto. “Depois chegou o fecho das escolas”. Marta lê um artigo de jornal. É interessante, e põe as mesmas perguntas que surgiram na turma. “Pensei mandá-lo a alguns deles, perguntando-lhes se aquilo que estavam a viver podia ser uma oportunidade ou

se estavam condenados ao tédio ou ao medo”. Alguns agradeceram. “Passada a semana de Carnaval, o regresso foi difícil. E, no entanto, de repente, a primeira surpresa”. Um grupo de professores fantásticos: cento e oitenta pessoas ligadas: “Belíssimo, normalmente, brigamos, discute-se. Vêm à liça os sindicatos e queixamo-nos das instituições... Pelo contrário, agora todos procuravam soluções, algumas no limite dos regulamentos. Houve quem tivesse contactado os estudantes nas redes sociais, por exemplo. Mas o esforço era comum”.





Seattle, Estados Unidos

Na terça-feira, a surpresa: “A primeira aula vídeo. Tinha-os contactado por e-mail, perguntando-me se teriam lido a mensagem. Comecei com os mais velhos do 12º ano, uma bela turma. Encontro às 10. Estavam todos. O mesmo com as duas seguintes. Na verdade, comovi-me quando um deles que teve mais dificuldade, não encontrando os materiais de algumas matérias a descarregar, escreveu-me por estar preocupado por não conseguir fazer os trabalhos”.

**E ali estavam, todos ligados: “Uma experiência nova para todos”.** Havia o perito, já “ao trabalho” com o seu pc. Havia o que estava ao telemóvel a tomar o pequeno almoço, com o gato que passava na mesa para trás e para a frente. Um outro, sem preocupações: “Prof, digo-lhe já: ainda estou na cama”. “Basta que estejas”, disse-lhe. Estavam todos e estavam verdadeiramente presentes. Pensei que era assim “por uma relação estável”, e não porque eram obrigados. Todos na primeira fila, “com uma liberdade que na turma têm dificuldade em conseguir”. Com o 12º ano com a webcam e os microfones

Marta Maj, professora  
de Letras num instituto  
tecnico em Milão



sempre ligados para intervir: “E não se portaram mal, muito ordenados. Tu adequas as perguntas de modo a ser possível responder oralmente, se calhar crias, como na turma do 9º ano, concursos por chat”. No início, alguns tinham a webcam desligada: “Depois deixaram-se convencer a ligá-la. Entrás nas suas casas, eles deixam-te entrar. Vês o que te querem mostrar de si, da sua vida. Porque, como eu, claro, devem ter estudado qual o melhor enquadramento...”. É como estar em frente a um quadro, agora a maior distância: “Observas coisas que de perto não vias. É um ponto de vista riquíssimo de informações. E sou educada a olhá-los de um modo diferente”.

**Estes dias pedem tanto.** Querias estar perto, mas dás-te conta que os olhas enquanto procuram responder a esta situação em que são menos controlados. “O ponto já não é aquilo que eu faço para os “ter”, mas a sua liberdade em estar, em seguir”. Está aqui a grande novidade: “És quase impotente. Estamos em rede, mas sem rede. Quando entras na sala, muitas vezes, a presença física é acompanhada pela secreta convicção, mesmo sem o fazer de propósito, que o teu modo de fazer os pode manter ligados, atentos. Em parte é assim. Mas neste momento fugaz é claro que está em jogo toda a sua liberdade. Podiam estar diante do computador, sem “estarem ali”. Pelo contrário, aquele que no início não queria nem sequer ligar a webcam, agora levanta a mão no vídeo para intervir. “Pode durar? Não é uma coisa que faço eu, mas uma coisa que acontece ou não acontece”. E a perspectiva que muda de dia para dia, com do tempo da retomada que se afasta, torna ainda mais

difícil “e interessante” a aposta. Um dos seus alunos disse no fim da lição: “Prof, quero tanto regressar à escola...”. “Somos feitos para viver, veem? Não para estar parados”, respondeu Marta. “Tinha mil projetos para eles. Aprofundar algumas coisas, até convidá-los para alguns encontros com a Gioventù Studentesca (Liceus, ndr), onde as suas perguntas são postas na mesa. Como se dependesse de mim. E agora está a acontecer alguma coisa nos seus corações”. Vê-o nas mensagens que lhe mandam: têm medo do tédio, de estarem bloqueados. “Mas isto acontece porque a vida queima dentro de nós!”, disse a um deles”.

A muitos níveis, disse, há movimentos, mais ou menos confusos, que abrem a pergunta sobre o que possa ser este tempo: “Uma colega amiga faz-me companhia neste assunto, também para sustentar um juízo diante de tantos colegas que te procuram”. É preciso olhar para aquilo que existe agora, para a natureza e qualidade da relação que emerge com os jovens e que os mantém ligados, que os faz estar em pé e crescer: “A pedagogia? Faz-se menos, necessariamente. Mas quando regressarmos às aulas vão ter que nos prender às cadeiras para estarmos quietos, tanto será o entusiasmo e a vontade que teremos”. ■



**Matteo Camponovo**

Ano 1996, está inscrito no quinto ano de Física da Universidade de Milão.

# O que é que basta para viver?

A densa rede de compromissos e encontros deixa de existir. A “estrutura” da vida é adiada e não se sabe por quanto tempo. “E se alguns amigos não estivessem presentes fisicamente? Estaria tudo acabado?”. A experiência de um universitário em “férias forçadas”.



**S**ábado 22 de fevereiro, recebo um email da Universidade de Milão em que o Reitor comunica aos estudantes que, devido à emergência Coronavírus, a universidade permanecerá fechada e as atividades serão suspensas. Surge-me um primeiro pensamento: “Que pena, as próximas semanas eram mesmo ricas de propostas: o encontro do arcebispo Delpini com o mundo universitário, um almoço com alguns colegas de curso, a Escola de Comunidade, a caritativa, o encontro dos responsáveis com Julian Carrón, as entrevistas com os professores

para algumas perguntas sobre as disciplinas deles... Tudo cancelado, adiado para data a definir. E agora, que toda a vida na qual estou normalmente empenhado desaparece, como quantidade e qualidade das propostas, o que permanecerá?”. Segundo pensamento: “É um bom momento para “encher os celeiros”. Sem aulas e outros compromissos poderei dedicarme totalmente a acabar de preparar o próximo exame. Mas, quem sabe, terei que estar muito sozinho...esperemos que não desperdice muito tempo”.

**Assim, a partir do segundo dia** de férias “forçadas”, antes de a Lombardia ser declarada zona laranja, convido para minha casa alguns amigos que como eu têm a exigência de estudar. Assim que nos encontramos rezamos as Laudes. Depois cada um se põe a trabalhar. Após uma manhã de estudo, o Marco levanta-se e diz: “O que almoçamos? Ofereço-me para ir às compras e cozinhar para todos!”. Poucas horas depois, levanto a cabeça e digo ao Ricardo: “Vamos reler juntos os apontamentos do encontro de sábado? Aquelas provocações parecem ditas de propósito para estes dias”. Naquela noite, quando me fui deitar, pensei: “Que estranho, hoje parece-me ter experimentado a mesma

intensidade de vida que no dia a dia da universidade”.

Quanto mais o tempo passava, mais factos deste género se sucediam diante dos meus olhos, e mais dentro de mim se aprofundava a pergunta: porque é que, se desapareceu toda aquela rede densa de propostas e de compromissos, na qual estou normalmente envolvido, a minha vida não parou? Porque é que, se em vez de encontrar dezenas de pessoas, só vejo algumas, experimento que a beleza da minha vida não mudou?

Devagarinho, tive que admitir que estes dias são muito mais do que “alguém com quem estar para não perder tempo”. De facto, os poucos rostos que tenho à minha volta não me deixam apenas não estar fisicamente só e sustém o meu empenho no estudo. Não creio que isto fosse o suficiente para me libertar da brutalização humana na qual é possível cair quando se passa tanto tempo “não organizado”, e sobretudo não seria suficiente para enfrentar a “crise” destas semanas com a positividade que descubro em mim.

Mas então quem são estas pessoas? Posso dizer que são as presenças que me testemunham a Presença que dá significado ao meu dia. Só quando me lembro disto, desaparece o vazio ou a

*«Não são pessoas que se movem por heroísmo, mas pelo desejo de partilhar, também numa situação como esta, aquilo que recebemos»*

brutalização, desaparece o medo do vírus. A coisa mais surpreendente para mim foi constatar que isto não acontece só quando estamos empenhados numa certa vida comum na universidade.

Dei-me novamente conta de ter entre mãos relações nas quais não há nada de mim que fique de fora e nas quais cada coisa mínima tem um valor, como fazer bem o almoço. Mas porque fazemos assim as coisas? Os rostos deles foram aquela presença da qual o Carrón falou na sua carta ao Corriere della Sera. Estando com eles muitas vezes dava por mim a dizer: Não me falta nada. Porquê? Porque vi e estou a ver uma maneira de estar juntos que está à altura do coração. Disse a mim mesmo: pode vir a faltar toda a “estrutura”, mas para viver basta aquela Presença, que mesmo uma só das pessoas que partilhou comigo algumas horas foi suficiente para testemunhar.

28 Um segundo ponto precioso foi perceber que aquilo que vivi nestas semanas, e que está a acontecer a muitos outros, não tem a dimensão de um “esplêndido isolamento”, mas tem a capacidade de nos fazer viver a situação atual com abertura e com uma “diligência ativa”, procurando responder às necessidades.

O primeiro exemplo é como não desistimos do estudo. Estas podiam ser semanas para “dormir sobre os louros”, pois nem se sabe quando se poderão fazer os exames. E no entanto, uma certa maneira de estarmos juntos está a sustentar o não desistir, o continuar a estudar, como se estivéssemos na universidade, com o mesmo interesse e a mesma paixão. E até no momento em que esta possibilidade de proximidade física desapareceu, estudar juntos em videoconferência está a sustentar-nos da mesma maneira. Outro exemplo que me espantou é o “Cusl delivery”: alguns de nós, que estão envolvidos gratuitamente na Cooperativa Universitária Estudo e Trabalho [CUSL], inventaram uma forma de entrega ao domicílio dos livros para os exames; ou ter visto como os que de nós são representantes dos estudantes se estão a empenhar para estar sempre

atualizados e fazer chegar a informação o mais rapidamente possível a todos. São “tentativas irónicas” para usar uma expressão que nos é querida, mas espanta-me como nenhum de nós se teria lançado em iniciativas como estas se não tivesse sido investido pela vida que contei. Não são pessoas que se movem por heroísmo, ou para tentar fazer coisas extravagantes fora do comum, mas pelo desejo de partilhar, também numa situação como esta, aquilo que recebemos.

Mas, e se alguns amigos não estivessem presentes fisicamente? Estaria tudo acabado? Aquilo que me aconteceu faz-me dizer que não, pelo contrário.

No primeiro dia depois do fecho da universidade, passei quase o dia inteiro sozinho. Depois de algumas horas de estudo, começo a perder tempo. O YouTube está a vencer. Passando no corredor, o meu olhar cai sobre o título da Passos de fevereiro: “Amiga Solidão”. Fico um pouco interdito e precipito-me a ler a intervenção do Carrón. Devoro-a. No fim da leitura, volto a respirar, já não estou assim tão mal, porquê? Porque aquele artigo me lembrou que há alguém que vive e que fala das condições em que me encontro de uma maneira completamente diferente, cem vezes mais humana, cem vezes mais desejável. Impressionou-me que aquele artigo teve a mesma potência dos rostos dos meus amigos. Reacendeu em mim a consciência de uma Presença que existe, retirando todas as camadas de distração e esquecimento com que posso cobri-la.

Tudo isto é possível não porque eu imagino certas coisas ou as contruo na minha cabeça, mas porque a experiência que estou a fazer nestes anos de universidade é de tal maneira potente que mal aparece qualquer coisa que me recorda aquela Presença que a gera, essa consciência volta a estar viva em mim. Às vezes pode ser apenas o pedido que Ele se faça vivo de novo, mas é um pedido já cheio da Sua companhia. Aquilo que li são palavras que me sustentam no decidir deixá-Lo entrar de novo, mais do que amargar-me com a minha incapacidade, mesmo como o Carrón nos lembrava no último encontro com os universitários, antes da chegada do Coronavírus. ■



# «*Disto não se sai sozinho*»



Paolo Perego

A paragem da atividade, as imensas incógnitas, o risco de falir. Do hoteleiro ao produtor de vinho, à fábrica de cisternas, o sério impacto económico da epidemia contado pelos pequenos e médios empresários. Como continuar?



**S**pread em subida, bolsas entre quedas e ressaltos, smartworking, [teletrabalho] empresas que pouco a pouco fecham as portas, outras que resistem, como podem, no meio da queda da procura e faturas por cobrar ninguém sabe quando... Com as cidades fechadas. A situação no mundo da economia e das empresas é incerta, entre expetativas e temores, com a grande incógnita daquilo que está a acontecer no resto do mundo.

Um inquérito da Confindustria [Associação Industrial Italiana, ndr] já

previu, no início de março, graves repercussões em muitos setores: 65% das mais de 4.000 empresas que participaram no estudo registou incidências negativas, sobretudo na faturação. Percentagens que sobem na Lombardia e no Veneto. Mais de metade declarou que devia rever os planos empresariais, e muitas terão de redimensionar a estrutura. Também nós fizemos uma pequena viagem neste mundo, para ver como e o que tantos estão a viver. E o que é que pode “aguentar” numa circunstância tão dramática.

**«Está ainda tudo parado».**

Francesco Monteverdi, de sessenta e dois anos e nove filhos, a mais nova com 12 anos, guia a empresa vinícola da família— «desde há oito gerações» — num lenço de terra entre Lodi e Piacenza. «Nove trabalhadores, mais alguns comerciais. Em grande parte, irmãos, sobrinhos, primos, filhos. Uma pequena realidade de 3 milhões de faturação, vocacionada sobretudo para o estrangeiro». A vida era esplêndida, as vinhas sobre as colinas já germinavam... «Agora fazemos contas com aquilo que está a acontecer». Com o facto, por exemplo, de que «todos na empresa vivemos em Casalpusterlengo, no coração da primeira “zona vermelha” criada para conter a epidemia,

enquanto as instalações estão fora, em Borgo San Giovanni». Traduzido, desde o início não havia sequer a possibilidade de ir abrir aos camiões que deviam carregar e descarregar. Tudo bloqueado. «Nada de smartworking para nós».

Fala de uma nova vida, feita de passeios nos campos, longe dos outros. «No meu trabalho não é concebível, porque é feito de relações e contactos pessoais. Online não é igual». É assim a vida: «Falando com o meu filho, discutíamos sobre o modo de se cumprimentar que alguns jovens já usam: cotovelo contra cotovelo, ténis contra ténis... Eu preciso de abraçar! A minha mulher, eu quero beijá-la...». Hoje fala-se a partir de portas fechadas, ou entre os recintos dos jardins. «Voltei a encontrar pessoas que não via há anos, que, sabendo que estou ligado à Assolombarda em Lodi, pedem-me conselhos.» Empresas de catering que se encontram sem reservas, atividades paradas sem fornecedores e pedidos... «E os pedidos de que os produtos tenham a certificação de que estão isentos de vírus. Mas como se faz? Quem é que pode certificar a alguém que faz peças para automóvel?».

# 7,4 milhões

As perdas previstas até maio para o sistema turístico italiano (estima Confturismo-Confcommercio). O turismo, incluindo induzido, vale cerca de 10% do nosso P.I.L. e envolve 4,2 milhões de trabalhadores. Em 2019 Itália recebeu 94 milhões de visitante (quinto país no mundo), com 216,5 milhões de presenças totais (dados da Enit). Os meses de fevereiro e março normalmente valem mais de 18% do comparecimento geral.

E no entanto, mesmo assim pode ser um desafio entusiasmante, diz Monteverdi: «As condições são estas. Voltaremos a partir de onde se puder partir. Mas estamos a descobrir coisas novas. Sobre o trabalho, na escola, nas relações.... Há tantas pessoas com as quais posso fazer este caminho que se abre. Não consigo imaginar que será tudo como antes. E a “dimensão individualista” no trabalho está a ceder o espaço a uma dimensão comunitária. Porque não saís disto sozinho, tens de te juntar com alguém.

São precisos companheiros de caminho «neste túnel que não podemos evitar», diz Carlo Fabbri, hoteleiro de Rimini, com atividades em Verona, Ferrara e Folgaria, no Trentino. Dois hotéis business e uma estrutura para turismo familiar na montanha. «Repercussões? Muitas, mesmo falando com amigos e colegas». Um setor atingido desde as primeiras horas da emergência. E agora é ainda pior, com a paragem das atividades. «Com alguns sentimos logo a necessidade de nos olharmos cara a cara, de contar aquilo que estamos a viver. Mas com o olhar direcionado para a frente».

**Carlo fala dos contactos com as instituições**, das propostas para o futuro, de ideias para meter em campo logo, assim que acabar a epidemia. «Promoções no estrangeiro por exemplo, em sinergia com as administrações locais». Alguns colegas estão desesperados, são estruturas pequenas e têm de pagar as rendas: «Eu não estou desesperado, não sei sequer se estou na lista daqueles que vão ter de fechar. Mas não estou sozinho, há pessoas que te fazem estar diante da realidade. Há um problema? Tentamos resolver, procurar uma estrada». Fala de uma companhia

# -16,9%

A queda da Bolsa de Milão na sessão de 12 de março: a pior na história da Piazza Affari. No mesmo dia, as mesmas Bolsas europeias “queimaram” 825 milhões de capitalização, ou valores das empresas (Milão, sozinha, perdeu 68 milhões).

de amigos do movimento: «Da fé que me sustém. No outro dia, fazendo Escola de comunidade, falávamos do Batismo como o momento no qual Cristo começa a sua batalha para te possuir. Esta batalha acontece também agora».

Alguém habituado a combater e a recomeçar -desde sempre, mas ainda mais nestes dias – é o Fabio Marabese, CEO de Seingim, uma empresa do Veneto que se ocupa de projetos de engenharia para grandes empresas e indústrias, sobretudo no campo energético, e que cresceu muito nos últimos anos.

«Clientes em Itália e no estrangeiro, com 200 trabalhadores em 8 locais espalhados pelo país». Agora estão quase todos a trabalhar de casa: «Aquilo que fazemos, em parte, permite-o. Era um projeto que tínhamos começado a estudar, e fomos obrigados a pô-lo em prática». O problema principal, no momento, são as faturas insolúveis dos clientes parados: «Se os bancos não nos ajudam, como fazemos para pagar os ordenados? Eu desenrasco-me, mas muitos não o conseguem fazer». No entanto, o futuro pode ser uma oportunidade: «Existem os aspetos negativos que sabemos. Mas estamos a descobrir outros valores, mesmo no modo de trabalhar. Fazer uma equipa, por exemplo, até a partir de casa. Do estrangeiro, agora ainda mais, todos olham para nós: somos aqueles que sabem resolver os problemas, fizemo-lo sempre». São precisas decisões das instituições «para lhes permitir, agora e também depois, ser aquilo que somos: empresários. Não nos podemos perder atrás de burocracias e nós. Hoje muitos estão sozinhos, sobretudo os mais pequenos. É preciso sustentá-los».

# 275 milhões

A perda de faturação estimada pelas empresas italianas para o biénio 2020-2021 se a crise se prolongasse até este verão (dados Cerved, sociedade que analisa os orçamentos da empresa Italia). No pior cenário -isto é se a emergência durasse até dezembro – chega-se a 469,7 milhões estimados apenas para 2020.

# +55%

O crescimento estimado para o comércio online em caso de prolongamento da crise para além do verão (dados Cerved): é o setor que ganharia mais, seguido pela distribuição alimentar (+22,9%) e produtos farmacêuticos (+13,8%). As maiores perdas (à parte o turismo, com um dramático -73% só nos hotéis) estão previstas para a produção de meios de transporte: -55% para concessionários automóvel e motas, -45,8% para autocarros.

Entre estes “pequenos” está a Fratelli Bona Snc di Chiavari da Ligúria. «Eu, o meu irmão, um amigo e um rapaz que está connosco há pouco tempo», diz Samuele, nascido em 1980. Fazem reestruturações e acabamentos de interiores, uma aventura que começou há três anos «entre mil dificuldades, mas dei tudo o que tinha». Ultimamente os negócios andavam bem: «Uma carteira de clientes, muitos concursos e projetos». Agora é tudo uma incógnita.

Para trabalhar é preciso ir às obras, em contacto com os canalizadores, os eletricitistas... «Esta manhã o nosso fornecedor fechou. E se não trabalhamos não nos pagam». A situação é difícil: «Um grande amigo meu está no hospital, também estou preocupado com os meus pais», conta. «Estou habituado à incerteza, à instabilidade. Com uma empresa jovem é a ordem do dia, sobretudo no início. Mas nunca renunciei a esperar alguma coisa, talvez até com ingenuidade, daquilo que faço». Fala de relações humanas com fornecedores e clientes «à custa de trabalho», de amor pela realidade, até metendo a fita-

cola por cima do rodapé: «As pessoas não se apercebem. É uma coisa que aprendi, que se tornou meu no movimento, mas “compensa” até no trabalho». E podes ver alguma coisa “para ti” mesmo agora: «Esta manhã, ao ir às compras, vi que as pessoas, agora, olham para ti nos olhos, e talvez te sorriam por baixo da máscara, enquanto se procura com embaraço manter aquele metro de distância. Esse “para mim” está já a acontecer».

**Vive o mesmo** Mario Roncaglio, de 45 anos, de Soresina, chefe de uma pequena fábrica de Cremona: «Fazemos cisternas em aço para o leite. Desde o final de fevereiro que tivemos problemas». Quinze dias em quarentena para ele, entretanto, isolado da mulher e dos filhos, por ter almoçado com uma pessoa contagiada: «E tantos amigos e conhecidos mortos ou internados. Aqui é assim para todos.». Também na empresa, na qual voltou a entrar «como se pode» há poucos dias: «O medo, os temores todos os têm, mesmo os meus trabalhadores, mesmo habituados a trabalhar com soldados e flexíveis a grandes altitudes.». Pessoas com pelo no

peito, em suma, que no outro dia ouvia em silêncio as palavras de Mário, «que não sou alguém que sabe falar bem. Vamos fechar se nos disserem para fechar», disse aos seus “rapazes”: «Alguns levantaram objeções, até rudemente. Mas o que é que lhes queres dizer? O medo é de todos... O ponto é como estás diante do medo». Ou seja: «Eu, ainda mais hoje, levanto-me de manhã e apercebo-me de existir, de respirar. E que não é óbvio. O pedido que está no fundo do medo, a partir daquele “mas vamos sair disto?” que tantos te atiram para cima, é de alguém que te esteja próximo. Para não explodir. Assim na outra noite tentei dizê-lo também aos operários: “Vejam que o medo faz parte da vida, é justo tê-lo até se passares por baixo de 20 toneladas de cisterna. Mas até aqui chegámos todos, como somos”. Um pouco cretinos, talvez, alguém tirado da rua... Em suma, olhando as pessoas nos olhos cada vez mais me apercebo: alguém até hoje pensou em nós, em mim. Daqui voltamos a partir. E caminha-se». ■

# Ir à nascente

*No Uganda, tudo estava pronto para umas férias do movimento de vários países de África. Mas por causa dos contágios, os amigos italianos já não puderam vir: surgem o medo e a paralisia. E depois... De Kampala, a história de um caminho de liberdade*



Rose Busingye

Nascida em 1968 em Kampala, Uganda, é enfermeira especializada em doenças infecciosas. Fundou o Meeting Point International em Kampala, onde são acolhidas crianças e mulheres com SIDA. É responsável pelo movimento de CL em África.

**E**stava tudo pronto, bem organizado. Alguns amigos - sete, oito - viriam de Itália e íamos encontrar-nos no final de Fevereiro em Entebbe, perto de Kampala, na costa ugandesa do Lago Victoria, como fazemos de dois em dois anos para as habituais férias de três dias “Ir à nascente” como lhe chamámos da primeira vez. Cerca de quarenta pessoas no total, vindas dos países de África onde há comunidades do movimento. Um momento de partilha, feita de diálogos, passeios e vida comunitária para nos ajudar a estar diante daquela Presença que agarrou a nossa vida e que agora nos une. A fonte, precisamente, da nossa amizade.

Há algumas semanas, chegam as primeiras notícias. O Coronavírus, a multiplicação de casos em Itália, os voos cancelados, as incertezas. As coisas que todos sabemos. Lentamente, percebeu-se que os amigos italianos já não podiam vir. Comecei a preocupar-me, a ficar agitada. Para mim era um momento importante, e a presença deles uma ajuda fundamental. As notícias começaram a acumular-se. Mesmo da Nigéria, de onde viriam

outros amigos, havia rumores de um caso de contágio. Assustei-me. O que fazer? Fazer o encontro mesmo sem os italianos? Adiar tudo? Perguntei ao Carron e a outros que muitas vezes me ajudam. Estava à procura de uma resposta, mas em vez disso... “O que quer que decidas, estamos contigo.” Fiquei um pouco perplexa. Teria sido mais fácil para mim se alguém me tivesse dito: “Façam as férias na mesma.” Ou: “Não faças, é melhor adiar.” Estava quase bloqueada. Tinha de ser eu, naquele momento era forçada a jogar-me em primeira pessoa, chamada a tirar de dentro de mim tudo o que aprendi no movimento. E não podiam ser “palavras”: não teria sido suficiente, porque os pensamentos que já me estavam a afundar, prevaleceriam: “E se eles vierem para o Uganda e nos puserem em risco? E se alguém é infetado?” Que gratidão, que alívio quando, pensando nestes amigos que viriam, percebi que não sou eu quem os salva, que nem um cabelo das suas cabeças dependia de mim. Foi uma redescoberta de como eu própria não me faço, e que não sou eu quem garante nem sequer um



segundo da vida de alguém.

Não era suficiente ter decidido uma vez. Peguei na carta que o Carron escreveu ao Corriere della Sera no Natal. “O nosso eu vale mais do que o universo”, lê-se. E perguntei-me: “Mas se é assim, este “eu” pode ser reduzido por um vírus? Pode ser aniquilado por tudo o que está a acontecer? Pronto. Tinha de começar a partir daqui, a partir deste ponto. E fazer as férias com este tema, juntamente com a provocação da Escola de Comunidade, quando em Gerar Rasto na História do Mundo falamos de fé como “reconhecimento amoroso” de um “eu inteiro, na inteligência e no afeto, que se move”, por uma correspondência real. Mas se Jesus nos atraiu assim, quem ou o quê nos pode tirar isto?

Foi aqui que comecei a não ficar bloqueada. Isto é o que me permite ficar de pé, o que me permite viver nas circunstâncias com uma perspetiva diferente, a partir da pergunta: “Mas de quem sou eu?” Com o “de”, não “quem sou” e basta. “De quem sou eu”, neste preciso momento? Em Entebbe, na noite de sexta-feira, 29 de fevereiro, estávamos num pequeno grupo vindo de vários países: Uganda, Quênia, Camarões.... Era razoável, naquele momento. Um belo momento. Estávamos serenos, ainda que faltassem tantos amigos. A certa altura,

quando surgiu entre nós a ideia de estarmos um pouco “abandonados”, desafiei: “Ainda bem que isto aconteceu. Este momento é mais uma vez uma oportunidade para nos apercebermos do que sempre nos dizemos, do que aprendemos por estar no movimento e por seguir o Carron. A experiência que vivemos tira ou não tira o medo? Ela permite-me fazer memória de “de quem eu sou”? Nós não damos um momento sequer às nossas vidas. Só isto pode dar aquela paz, aquela tranquilidade. Aquela que vi entre nós.

No final, houve um diálogo com o Davide Prospero, vice-presidente da Fraternidade de CL, por vídeo. Também aqui, num lugar como África, onde as pessoas são levadas a ter medo em geral, quanto mais diante de um facto como este, com o receio de que aqueles que nos governam não digam nada, escondam informações ou, pior ainda, não nos alertem para o perigo. Apesar de tudo isto, aquela tranquilidade e aquela paz de que eu estava a falar eram palpáveis nos diálogos e nas intervenções. Estou grata ao Mistério, a Deus que me dá esta circunstância, estes momentos para me reerguer, como se, mais uma vez, me perguntasse: “Mas o que é que tu encontraste? Quem és? De quem és?” E Ele atrai-me a Si, continuamente. E não há nada mais correspondente. ■

---

**per**

**36**

*Médio Oriente  
Detrás do rosto  
do outro*

**cur**

**41**

*Clarice  
Lispector  
Chegar àquilo  
que existe ;  
A imprevista  
pertença*

**sos**

**46**

*Uma amizade  
improvável*

**50**

*A nossa  
história e a  
história*

---

## Médio Oriente

# Detrás do rosto do outro



Alessandra Stoppa

Arábia Saudita, Egípto, Líbano. No quotidiano de situações ou países difíceis, a relação com quem tem outra fé torna-se descoberta daquilo que nos faz viver. Três testemunhos das comunidades do movimento.

### Riad. A longa luta

Mario Huterer vive com a sua família na Arábia Saudita há quatro anos. Engenheiro de telecomunicações, uma vida a girar pelo mundo, hoje encontra-se no ambiente rígido do Islão wahabita de Riade e diz: «Não me falta nada para viver». Ele que na juventude teve de abandonar a sua Sarajevo natal pela pressão duma sociedade de maioria muçulmana, onde não via futuro. Pagando inclusivamente o preço das suas origens, sendo metade alemão, recusando compromissos e (por três vezes) a inscrição no Partido Comunista, fez-se sozinho, estudando como louco e concluindo a licenciatura aos vinte e três anos. Aos vinte e cinco decidiu: «Depois de muito chorar, parti para sempre. Era claro que doravante a minha terra não podia ser o lugar para mim». Era o ano de 1985. Hoje tem sessenta anos e a voz treme-lhe com um pranto diferente, comovido por causa de Ahmed,

um colega da sua equipa que, todos os dias, durante o trabalho, para e reza voltado para Meca. «Põe-se de joelhos e olhar para ele faz-me “recordar”, provoca o meu fundo. Faz-me rezar. Ficámos amigos. Certa noite, enquanto o acompanhava à saída do compound, olhámo-nos com surpresa. Sem muitas palavras, dissemos o que estávamos a compreender: nós não estamos juntos pelo dinheiro, nem pelo projeto, nem mesmo porque é muito bom trabalharmos juntos. O que é que nos une? Donde vem esta profunda gratidão um pelo outro?». Começaram a tratar-se por “irmão”, não apenas por assim dizer, como é costume. Para Mario é uma exigência cheia de espanto: «O que está por detrás da cara dele?». A sua vida é pautada por esta pergunta. Cresceu numa família atea, «não me interrogava nada sobre a fé, mas sobre o “porquê” da vida, sim», enquanto a ambição e a cabeça o compeliavam a trabalhar dia e noite, levando-o a viver

primeiro na Áustria, depois nos Estados Unidos, depois na Bélgica. Aqui um dia foi convidado por um colega para um encontro, e foi, mais que nada para conhecer raparigas. «Não sabia o que era Comunhão e Libertação. Estavam a ler O Sentido Religioso de don Giussani. Era em francês e eu não percebia bem, mas desde aquele dia fiquei. Não pelas raparigas, mas pelas palavras na contracapa do livro, que me fizeram pensar: “Este homem parece ter a resposta para o sentido da vida”». A partir daí começou uma longa luta. «Desde aquele primeiro livro a todos os outros que lia, eu não percebia. Mas como podia eu não perceber? Tinha um doutoramento difícil, tinha estudado e ensinado coisas muito complexas, como é que era possível?». Quinze anos assim, sem perder um encontro do movimento, indo onde quer que fossem estes novos amigos, Holanda, França, Luxemburgo...

Porém «eu estava decidido a perceber, não a seguir.

Queria – devia – chegar lá pela minha cabeça». Para Maru, a rapariga por quem se apaixonou e que vem a ser sua mulher, era simples: «Mas não vês?», dizia. A ela tudo causava espanto, ele estava cada vez mais frustrado. «Gastava muitas energias e não aceitava a simples “fórmula” de fazer um caminho. Mas fiquei sempre por causa daqueles olhares, que na vida me fizeram muita companhia: caras e nomes precisos, estou a pensar no Giorgio, Maria Grazia, Thomas, Tiziana...».

Para Mario o véu rasga-se naquilo a que chama «o meu primeiro encontro com o Outro». Deu-se «em plena inutilidade», ou seja, fazendo caritativa num lar, estando com velhinhos que «nem se apercebiam sequer da nossa chegada, ou assim nos parecia. Não se podia fazer nada por eles. No entanto eu experimentei uma paz nunca antes vivida. Não vinha da Maru, que estava ao meu lado, nem daqueles velhinhos. Não se podia “explicar”, mas era verdadeira». Quando se mudam da Bélgica para viver em Itália, um dia, no enésimo encontro do movimento, exausto, vai ao encontro dizendo: «Já chega. Faz Tu». «E olha só, comecei a compreender...», defende-se comovido.

Entretanto a família cresce e ele acompanha-os sempre à Missa, estando ali, «um pouco como uma planta. Mas uma planta desejosa». Até que uma noite, na Áustria, onde – depois da enésima mudança – viviam há dois anos,



um amigo sacerdote, Andrzej, que os visitava de vez em quando, bate à porta sem pré-aviso: «Mario, chegou o teu momento». Ele desata a chorar e percebe sem precisar que acrescenta nada: Andrzej vai prepará-lo para os Sacramentos. «Dessa vez não viera sozinho. À minha frente não estava só o Andrzej, detrás do seu olhar reconheci um Outro». A mesma experiência que vive com Ahmed. «Deixei a minha pátria por causa dos muçulmanos e eu hoje, por ele, daria o meu sangue. Une-nos o “profundo” de mim e dele, a profundidade da fé. Como com o meu amigo mais querido, Chandru, que é hindu». Depois da longa luta «comigo mesmo», diz, «tenho uma gratidão imensa, porque na vida fui tocado, gratuitamente, pelo encontro com “outro mundo” neste mundo. Que surpresa, inegável... para um ex-ateu». Na Arábia Saudita não se pode viver publicamente a fé cristã, mas «não nos falta nada», repete: «Há tudo, mesmo tudo. Até aquilo que “não há”. Cristo vem ao nosso encontro». Pode ser o colega de secretária, ou o filho mais novo que tem uma deficiência grave: «Vem através do outro, do seu desejo, dos seus olhos». ■

*«O Ramadão está próximo e Rahma pergunta a Mariam se ela também vai fazer o jejum com eles. “Não”, responde, “tu sabes que sou cristã...”. A pequena desata a chorar. “Peço-te, faz o jejum connosco!”. Não percebe aquela reação, mas a pequena está inconsolável... »*

### **Minya. Rahma e aquela pergunta**

Quando Mariam se encontrou no novo ambiente de trabalho teve um choque. É assistente social e trabalha para uma Ong que se chama Bedaiat (que quer dizer “Inicia”), num subúrbio da cidade de Minya, duzentos e vinte quilómetros ao sul do Cairo, na margem esquerda do Nilo, onde as crianças ajudam os pais a vender droga e todas as noites veem as mães prostituir-se, entre edifícios insalubres, casas feitas de uma só divisão, onde se come, se dorme e se vai à casa de banho. A maior parte dos miúdos não vai à escola, vendem lenços de papel pelas ruas, para sobreviver recolhem lixo – plástico e papel – ou roubam. «No início o meu trabalho era ir ao encontro deles e estar com eles através da arte, de todo o tipo: pintura, desenho, olaria, música, filmes. Desde há quatro meses sou coordenadora dos educadores que trabalham com eles».

Mariam Shawki tem trinta e seis anos e encontrou pela primeira vez a experiência do movimento na juventude, durante os anos de escola em Alexandria: quando casou, em 2012, mudou-se para Luxor, onde não havia comunidade. Com o tempo e a distância a ligação esfriou. Depois, há dois anos, chegou a Minya e começou a trabalhar na periferia. «Fiquei chocada». As condições em que a gente vive fizeram-na entrar em crise: «Era atormentada por uma pergunta: porque é que existe um lugar assim? Aqui as crianças estão habituadas, não a brincar, mas a serem violentas, vingativas. Uma manhã eu estava com alguns a fazer trabalhos manuais e um deles agrediu outro com a tesoura. Aquele episódio fez-me saltar, fiquei uma semana em casa, a chorar, dizendo para

mim: não há esperança num lugar assim. Porque estou aqui? Que posso fazer?». Depois a pressão do novo trabalho estendeu-se a algumas dificuldades na família e assim a pergunta tornou-se mais premente: «Deus, onde estás?». Certo dia encontrou-se com uma das miúdas do projeto, com doze anos, que é muçulmana e se chama Rahma, que significa “misericórdia”. O Ramadão está próximo e a pequena pergunta a Mariam se ela também vai fazer o jejum com eles. “Não”, responde, “tu sabes que sou cristã...”. A pequena desata a chorar. “Peço-te, faz o jejum connosco!”. Não percebe aquela reação, mas Rahma está inconsolável: «Eu não quero que vás para o Inferno, mas para o Paraíso comigo».

«Num momento tão difícil para mim», conta-nos hoje a Mariam, «por meio de uma criança com o nome de “misericórdia”, Cristo respondia-me: eu existo, estou aqui, e por isso há esperança». Porque este «facto estranho», aparentemente desligado de tudo, tocou com força nela qualquer coisa que não se tinha perdido: «Veio-me à cabeça a comunidade de Alexandria». E voltou a procurar uma amiga do movimento. «O facto que Senhor viesse à minha procura graças à Rahma, “restituiu-me” aquelas pessoas que me tinham acompanhado e ajudado». Assim, também em Minya existe hoje uma pequena comunidade, nascida do convite para a Escola de Comunidade que a Mariam e o marido fizeram a alguns amigos de um movimento que se chama Selmia (“Pacíficos”), no qual também há muçulmanos: «São os amigos com quem nos amparamos no caminho da fé, na vida do dia-a-dia, no stress do trabalho, na relação com os filhos... Ajudamo-nos a vislumbrar a presença de Deus mesmo nas situações mais difíceis». ■



Cairo, Egipto.

## Beirute. «Onde está a tua esperança?»

Tu és um bem para mim. Esta frase tinha-lhe ficado gravada, há já muitos anos, título dum Meeting de Rimini que seguira de longe. Francesco Rameh é um jovem cristão que vive os seus vinte e quatro anos na Beirute de hoje. Trabalha como consultor informático, embora seja licenciado em Engenharia Mecânica. Mas não é óbvio ter emprego num país vergado pela corrupção, que declarou bancarrota, e se prepara agora para a recente mudança de Governo. «Um país lindo, cheio de recursos, lançado de joelhos», diz com pena. O desemprego jovem no Líbano ronda os 36%, cerca de metade da população vive abaixo do limiar de pobreza relativa, muitos vão embora: são tantas as razões que, no outono passado, levaram a uma sublevação popular sem precedentes, transversal às classes sociais, a periferias e ao centro, a cristãos, xiitas, sunitas, drusos... Exigiam a demissão de toda a classe política.

«Quando começou a “revolução”, eu fiquei muito contente», conta Francesco: «Mas um dia uma amiga disse-me: “E se corre mal? Onde está a tua esperança?”». Esta pergunta despertou-o a captar um facto que se deu pouco depois, durante uma Escola de Comunidade: «O meu amigo Marcelino, um rapaz como eu, falava da dificuldade em

que todos nos encontramos. E a certo ponto disse: “Eu sei do que preciso. De tornar a saborear a beleza gigante que gozei na Equipe do Clu”». Referia-se a um encontro com alguns universitários doutros países, no qual tinha participado um ano e meio antes.

«Ao ouvi-lo fiquei chocado», prossegue Francesco: «Ele não disse “preciso de dinheiro, de justiça, duma mudança, doutra liderança”... Não: preciso de tornar a saborear aquela beleza». Dum encontro indelével.

Francesco revê os anos passados na universidade, em que sentia a falta duma amizade assim. «O meu problema não era a minha diferença em relação aos jovens de outras religiões. Aqui no Líbano, sobretudo entre os jovens, a convivência é boa e quotidiana, estamos sempre juntos. A mim faltavam-me os amigos do



movimento e não me abria com ninguém, não partilhava nada achando que os outros não iam perceber».

Justamente numa noite em que as saudades são mais fortes, está a acompanhar até casa o Jad, muçulmano, a seguir ao ensaio da banda em que tocam juntos. No semáforo aproxima-se uma rapariguinha a pedir esmola: «Perguntei-lhe o nome e disse-lhe: “Se amanhã estiveres aqui trago-te um presente”. Quando arrancámos, Jad comovido confessa que gostava de ter imenso dinheiro para fazer uma casa e acolher a miúda e todos aqueles que vivem na rua. Dizia isto com o coração. Estava tão abalado como eu, com o mesmo

desejo que eu». Entre eles qualquer coisa se abriu. «Logo! Comecei-lhe a falar das séries que passam na televisão, nas que vejo e depois me envergonho porque perco tempo... Mas ele ajudava-me a julgá-las e a apreciá-las. Comecei a ver que com ele, quando não esperava, acontecia um bem para mim». Jad surpreende-o sempre. Como há pouco tempo. Francesco tem uma amiga do movimento que tem sessenta anos, conhece-a desde sempre e «hoje vejo o desejo de viver que ela tem, vejo nela o “cêntuplo”, a juventude que vive quem segue Jesus. Mas

impressionou-me que a primeira vez que o Jad falou com ela ao telefone, por um favor que lhe tinha pedido, para ele bastaram pouco minutos... Telefonou-me logo a seguir dizendo: “Não posso acreditar! Esta mulher tem um espírito mais jovem que tu e que eu!”.

Ele viu, intercetou num telefonema uma diferença. Eu preciso de anos de caminho para aprender a reconhecê-la e tantas vezes a dou por adquirida. Para mim Jad é um bem, porque preciso de ver aquilo que o coração dele vê». ■

# Clarice Lispector

## *Chegar àquilo que existe*

*Clarice Lispector nasce em Tchetchelink, na Ucrânia, a 10 de Dezembro de 1920. A família, judia, é obrigada a fugir dos pogrom e chega ao Brasil quando Clarice tem apenas dois anos. Após a infância no Recife, licencia-se em Direito no Rio de Janeiro. Casa com um diplomata com quem vive primeiro em Itália e seguidamente na Suíça e nos Estados Unidos. Tem dois filhos e em 1958 volta definitivamente para o Rio, onde morre a 9 de dezembro de 1977. Escritora, jornalista e tradutora: o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem* (publicado em Portugal por várias editoras: Relógio d'Água, Círculo de Leitores e Livros do Brasil), sai quando Clarice tem vinte anos. Considerada a maior escritora brasileira do século XX, entre os principais títulos pela Relógio d'Água: *Água Viva* e o livro póstumo *Um Sopro de Vida*, além de *A Paixão Segundo G.H.*, *Todos os Contos* e ainda *Laços de Família*, pela editora Cotovia.*

A cem anos do nascimento, uma breve viagem pela vida da escritora brasileira e pela das suas personagens, onde «o mistério está sempre à espreita». O seu legado é uma obra-prima dos momentos quotidianos, capazes de desvelar que a vida não basta



### **Cecília Canalle e Raúl Fernandes**

Professores de Comunicação em São Paulo, no Brasil: Cecília Canalle ensina na FATEC, a Faculdade de Tecnologia; Raúl Fernandes na FEI, Fundação Educacional Inaciana de Engenharia e Administração.

**E** escrever é restituir aos outros homens – através da criação – a realidade no seu espanto originário, desembaciando o seu olhar apagado e envelhecido. Criar os filhos significa – através do que já existe – ajudá-los a reconhecer a realidade no seu rosto mais verdadeiro. E amar é dar a vida para que alguém, a uma certa altura, se aperceba do infinito que nela habita.

Escritora de origem ucraniana, de olhos em amêndoa e traços exóticos, Clarice Lispector (1920-1977), cuja obra *Todos Os Contos* foi recentemente publicada em Itália pela [editora] Feltrinelli, era especialista nisto: andava à procura em tudo, e sobretudo nos pormenores mais banais da vida quotidiana, do rasto do infinito. E quando não o encontrava, pelo menos testemunhava esta imensa falta. Sondando a realidade, usava a acuidade do seu faro para identificar a falta de alguma coisa que gritava dentro dela e que nada conseguia sufocar, mesmo quando as coisas se passavam conforme as expectativas.

«Não me esqueci de nada?», pergunta pela enésima vez a velha mãe à filha, Catarina, protagonista do conto «*Laços de Família*», que dá o nome a um dos seus livros mais célebres. Sim, mãe e filha tinham-se



*Clarice Lispector nasce em Tchetchelink, na Ucrânia, a 10 de Dezembro de 1920. A família, judia, é obrigada a fugir dos pogrom e chega ao Brasil quando Clarice tem apenas dois anos. Após a infância no Recife, licencia-se em Direito no Rio de Janeiro. Casa com um diplomata com quem vive primeiro em Itália e seguidamente na Suíça e nos Estados Unidos. Tem dois filhos e em 1958 volta definitivamente para o Rio, onde morre a 9 de dezembro de 1977. Escritora, jornalista e tradutora: o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem* (publicado em Portugal por várias editoras: *Relógio d'Água*, *Círculo de Leitores* e *Livros do Brasil*), sai quando Clarice tem vinte anos. Considerada a maior escritora brasileira do século XX, entre os principais títulos pela *Relógio d'Água*: *Água Viva* e o livro póstumo *Um Sopro de Vida*, além de *A Paixão Segundo G.H.*, *Todos os Contos* e ainda *Laços de Família*, pela editora Cotovia.*

esquecido do que era feita aquela sua preciosa relação, tão cheia de mal-estar e provocações. Mas aquela pergunta, que faz com que toda ela própria venha à tona, irá fazer com que Catarina volte para casa disposta a gozar da generosidade do mundo inteiro, um caminho a que tinha sido introduzida pela mãe e que lhe ardia no peito. Depois acontece-lhe estar com o filho, que tem quatro anos e quase não fala: sempre nervoso e distraído, «ainda ninguém tinha conseguido despertar a sua atenção verdadeiramente». Ela dirige-se-lhe de modo decidido e apaixonado. A criança percebe e diz: «mãe». Era «a primeira vez que dizia “mãe” com aquele tom e sem pedir nada. Era algo mais do que uma simples constatação: mãe!». Catarina fica extasiada: mais uma vez, o mundo tinha-se desvelado.

Oriunda de uma família judia



Estátua de Lispector na Praia do Leme, em frente a Copacabana, Rio de Janeiro.

43

ucraniana, Clarice Lispector chegou ao Brasil com dois anos apenas e sempre se considerou totalmente brasileira. E a identificação é recíproca: além de ser umas das escritoras mais populares do País, (ainda que a sua escrita seja muitas vezes difícil, e até, nalguns casos, hermética), os brasileiros costumam chamar-lhe familiarmente só “Clarice”, como se fosse uma amiga íntima. Não gostava de falar nas circunstâncias trágicas que tinham levado a sua família a fugir da Ucrânia, mesmo no meio da guerra civil russa e dos brutais pogrom anti-semitas que tinham devastado a sua terra natal. Na sua obra, aliás, não há referências claras ao drama que tanto a sua família como o seu povo viveram. Uma vez, quando lhe perguntaram sobre o valor social da literatura, confessou que quase se sentia humilhada por não conseguir escrever a propósito: «O problema da justiça, para mim, é tão óbvio e fundamental, que não consigo ficar surpreendida com ele – e sem me surpreender não consigo escrever». Os contos compilados em *Laços de Família*, dos mais belos da escritora, falam sempre de uma surpresa, de uma maravilha que finta a vida quotidiana, revelando uma outra dimensão da existência.

No famoso conto «Amor», por exemplo, uma pacata mãe de família chamada Ana volta para casa ao fim da tarde, depois das compras para o jantar. Sentada no elétrico, vê na rua um cego que tranquilamente vai pela escuridão, a mastigar uma pastilha elástica. Ainda está ela distraída com esta visão – a visão da cegueira de outrem ou dela própria? –, quando o elétrico faz uma travagem inesperada e Ana deixa cair o saco das compras e parte os ovos que tinha acabado de comprar. Assim, o abanão existencial e o solavanco físico do elétrico entrecruzam-se. E os ovos, metáfora do ninho da vida, partem-se e escorrem: a frágil casca das aparências já não consegue esconder o seu denso conteúdo interior. Claro que momentos como este são sempre

«perigosos», como diz a própria Ana, porque podem alterar toda a rotina tranquila do dia. E Clarice bem conhecia o valor (como aliás os riscos) da vida quotidiana e das pequenas atividades de que é feita. Licenciada em Direito, nunca exerceu a profissão e só ocasionalmente trabalhou como jornalista. Casada com um diplomata, Clarice viveu muitos anos noutros países, sentindo-se sempre deslocada e só; além da literatura e eventos nas delegações estrangeiras (que achava profundamente desagradáveis), o que a ocupava principalmente era cuidar dos filhos, um dos quais apresentou precocemente graves problemas de saúde constituindo uma fonte de grande angústia para ela.

Todavia, as suas deslocações ofereciam-lhe grandes oportunidades para observar o homem em diversos lugares e condições. Durante a sua estadia em Nápoles, em plena Segunda Guerra Mundial, por exemplo, Clarice trabalhou como voluntária num hospital, a fazer tudo o que era necessário e possível: entre outras coisas, lia as cartas aos doentes e escrevia as respostas. Era

*«Há três coisas para as quais nasci e pelas quais dou a minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar os meus filhos. Amar os outros é tão vasto que inclui o perdoar-me a mim mesma, com aquilo que resta. As três coisas são tão importantes que a minha vida é demasiado breve para tudo isto. Tenho de me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que me é dado para viver. Amar os outros é a única salvação individual que eu conheço: ninguém está perdido se dá amor e por vezes recebe amor em troca»*

*(de «Aprendendo a Viver»)*

uma maneira de procurar um contacto mais próximo com o real. Uma vez afirmou que o seu trabalho era «uma tentativa falhada para chegar àquilo que existe». Em *Laços de Família*, vemos catorze tentativas para «chegar àquilo que existe» através de contos que retratam a dimensão quotidiana de relações de amor que aspiram a alguma coisa maior. Nestas relações há sempre um desequilíbrio, geralmente gerado por um pormenor quase banal: um cego a mastigar uma pastilha elástica, o furto de uma flor no jardim, uma galinha a pôr um ovo, a chegada de uma mulher com um chapéu, as rosas maravilhosas que a narradora comprou naquela manhã, a senhora de 89 anos que cospe no chão na sua festa de anos... São acontecimentos que, apesar do seu carácter banal, despertam do torpor, trazendo a certeza, subtil mas inquietante, de que as tentativas para retomar o controlo da vida serão vãs.

Em Clarice, o binómio equilíbrio/desequilíbrio não é apenas um processo de reorganização, que se poderia resumir assim: tudo parecia estar a postos, verifica-se um evento desestabilizador e depois tudo se reorganiza. Em contrapartida, na sua obra, a vida não se volta a organizar.

Clarice traz ao quotidiano um sentido de inadequação e de incompletude que, uma vez descoberto, deixa de permitir o restabelecimento da vida ao nível anterior. O conto «Mistério em São Cristóvão» apresenta uma família que goza dos bens que conquistou, em que só a filha sente uma falta, uma estranha insatisfação interior. Já é noite, e vê três homens mascarados que, atraídos pela prosperidade do jardim, se introduzem para apanhar um jacinto; quando descobrem que estão a ser observados pela rapariga, desatam a fugir. A casa acorda assustada. Mas ninguém percebe a inquietação da rapariga: todos se esforçam (é uma ideia recorrente nos seus contos) por reencontrar o equilíbrio de antes. Mas agora deixou de ser possível, sobretudo para aquela rapariguinha: algo aconteceu. Há sempre um mistério à espreita na vida de todos os dias; mas, como uma sombra em fuga, assim que é vislumbrado esconde-se. Eis a razão pela qual muitas personagens de Clarice sentem uma espécie de vertigem da revelação. São momentos de manifestação: a pessoa acusa o impacto da realidade e apercebe-se de que não basta a vida. Por outro lado, se, por um breve momento, parecer que o paraíso

está para chegar, até o evento mais ligeiro pode abafar tudo: é uma “felicidade clandestina” – título de outro seu famoso livro. A maior dor da autora é a percepção aguda da desproporção originária entre o seu desejo de infinito e a precariedade da vida que – apesar de imensa – é demasiado pequena para o desejo do seu coração. Para nós, o seu grande contributo é o de gritar que o quotidiano é precioso, mas isso, por si só, pode tornar-se sufocante, transformando a sua sacralidade potencial numa condenação. Em 1976, um ano antes da sua morte, Clarice foi entrevistada por José Castello, um famoso crítico literário brasileiro, que a provocou sobre o sentido de escrever:

J.C.: Porque escreve?

C.L.: Vou responder-lhe com outra pergunta: porque bebe água?

J.C.: Porque bebo água? Porque tenho sede.

C.L.: Quer dizer que bebe água para não morrer. Para mim é o mesmo: escrevo para permanecer viva.

Que a leitura de Clarice torne possível este tipo de experiência: percebermo-nos cada vez mais vivos. ■

## Clarice Lispector, a imprevista pertença

**T**rês episódios, contados por uma sua biógrafa, Nadia Gotlib, ficaram retidos na minha memória desde que, há muitos anos e a conselho de um amigo, descobri a riqueza indescritível dos textos de Clarice Lispector. A densidade e a verdade da sua escrita parecem quase não ter paralelo na literatura contemporânea – cada frase tem vida própria, lateja de energia, de substância, de surpresa e de dramaticidade, condensa fibras da existência com uma intensidade radicalmente sincera e desconcertante.

O primeiro episódio tem que ver com o início da sua própria vida. Clarice relata-o assim: “Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.” Habitualmente descrita de forma psicológica (porque a mãe de Clarice era doente e o nascimento da filha teria sido visto também como esperança de uma cura que não viria a acontecer), esta afirmação tem, porém, um alcance muito mais vasto, revelando a profundidade do olhar de uma criança que desde muito cedo revela uma aguda consciência de si mesma e do seu lugar no mundo. Tal consciência manifesta-se como necessidade, como desejo e como certeza de uma radical desproporção: “Por isso se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. A ponto de meu coração se contrair de inveja e desejo quando vejo uma freira: ela pertence a Deus. Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim. Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isso”.

45 A escrita de Clarice dá forma à dor desta falta e à busca incansável e atormentada - por entre religiões e crenças várias - desse “mais” que lhe é absolutamente necessário. Incapaz de se deter na banalidade do quotidiano e ciente da urgência de cada instante, Clarice Lispector exigia dos amigos o impensável. O segundo episódio é relatado num curto poema de João Cabral de Melo Neto, Contam de Clarice Lispector: “Um dia, Clarice Lispector/ Intercambiava com amigos/ Dez mil anedotas de morte/ E do que tem de sério, e circo. Nisso, chegam outros amigos/vindos do último futebol/ comentando o jogo, recontando-o,/ refazendo-o, de gol a gol. Quando o futebol esmorece/abre a boca um silêncio enorme/ E ouve-se a voz de Clarice:/ Vamos voltar a falar na morte?”.

O terceiro episódio que retive testemunha a certeza da escritora sobre a possibilidade de verdadeiro bem, sobre a origem da resposta exigida pelo coração humano, que não pode ser fabricada por nós, mas é indiciada pela espera que nos constitui – e, portanto, como afirmava Eugenio Montale, implica reconhecer que “um imprevisto é a única esperança”. Assim, é Nadia Gotlib quem transcreve a carta que Lispector escreve à amiga Olga Borelli: “Precisamos conversar. Acontece que eu achava que nada mais tinha jeito. Então vi um anúncio de uma água de colônia da Coty, chamada Imprevisto. O perfume é barato. Mas me serviu para me lembrar que o inesperado bom também acontece. E sempre que estou desanimada, ponho em mim o Imprevisto. Me dá sorte. Você, por exemplo, não era prevista. E eu imprevistamente aceitei a tarde de autógrafos.”

A genialidade de Clarice Lispector coincide com uma grande lealdade existencial. Na batalha da vida, que se traduzia numa forma de intuição artística crua e estritamente metafísica – porque absorvia e atravessava a matéria em direcção à sua profundidade última, como talvez o livro *A Paixão segundo GH* demonstre melhor que nenhum outro – Clarice arriscava tudo, sem se defender da existência: “A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.” ■

# Uma amizade improvável



46

**A**veiro é uma das primeiras comunidades em Portugal. Depois de 30 anos há muitos que estão desde o início. Mas também os mais recentes, como a Carol, que nos conta: o Senhor pede apenas que meu coração esteja aberto ao que Ele propõe. Por exemplo, a improvável amizade com o padre José. Com ele, percebi que “o Senhor não deixa perder nenhum dos nossos desejos, nem mesmo os desejos antigos!”. Carol é brasileira, encontrou o movimento no Brasil, em Manaus, e está a fazer o pós-doutoramento em Aveiro. Começou a ir à casa sacerdotal para ir à missa e tornou-se amiga do padre Zé, que tem 89 anos. A certa altura, percebeu que aquele padre estava interessado na história da catequese, tinha escrito livros sobre a história da catequese, sobre como a fé é transmitida em todo o mundo a diferentes culturas e o convidou-o para ir ao Brasil, à Amazônia, e ele disse logo que sim! Porquê? O padre Zé tinha estado no Brasil, em novo, mas nunca na Amazônia, e o desejo de um dia ir à Amazônia “permaneceu no fundo do coração”.

Então a Carol, ajudada pela restante comunidade de Aveiro, levou-o a Manaus, onde o padre Zé encontrou os pais da Carol e Dom Giuliano Frigeni, bispo de Parintins, amigo que o recebeu e lhe deu a conhecer a sua querida Amazônia.

De volta a Portugal, o padre Zé sofreu um acidente e caiu, tendo de estar agora numa cadeira de rodas. O padre Zé participa no movimento, e no último encontro, apareceu na sua cadeira de rodas e iniciou a sua intervenção dizendo: “O movimento”, que é uma maneira de dizer que já se sente do movimento.

Conta ainda a Carol: “Nesse período de Corona Vírus, por causa da quarentena, a casa Sacerdotal, local onde vive o Padre Zé, fechou suas portas há mais de 20 dias. Eu encontrava com o Padre José quase todos os dias, e compartilhávamos além da amizade, minhas confissões e amadurecimento espiritual. Nestes dias me vi sem meu amigo e tenho feito muita memória dele, apesar de lhe ligar quase todos os dias. Pensar que Deus deixou-



nos viver essa experiência de amizade antes de permitir o seu isolamento. Rezo todos os dias pelo Padre José e peço por um milagre para mantê-lo vivo diante de uma pandemia dessas. O meu coração fica aflito, sinto o mesmo sentimento de quando a Chiara estava na UTI quando nasceu prematura. Um completo abandono e quando penso na fragilidade do Padre José e na graça de uma amizade e amor tão intenso que Deus me permitiu viver, penso o quanto sou amada neste abandonar-se. Às vezes quando vejo os números de mortos na TV e o desespero me domina, penso logo no Padre José e em algo que ele não cansava de me dizer: “Pedi e receberéis, bateis e se abrireis.”

No dia 27, quando o Papa fez a homília na praça São Pedro, pensei no imenso barco em que estamos, em meio ao mar revolto, muitos homens já ao mar, pois caíram no desespero, outros agarrados ao convés, sem esperanças, presos apenas à limpeza das mãos, mas sem olhar de fato para Aquele único que poderá acalmar o mar. E tem eu e muitos outros cristãos que com seus bons pastores (Padres como padre José) nos fazem olhar para Cristo que dorme, nos fazem clamar por Ele. “Pedi e receberéis”. Peço a Deus para me permitir aprofundar a minha fé no abandono total, mesmo com o coração cheio de medos, medo pelos meus pais que estão longe, medo pelo meu amigo Padre José, pelos meus amigos que estão longe. Mas até meus medos o Senhor conhece e se eu me entregar a Ele, até esse medo será fruto de graça. Deus dá a vida e só Ele pode tirar.”

### **Transcrevemos a carta “falada” que Dom Giuliano enviou ao Padre Zé, no seguimento daquela visita, ao saber da sua queda, e a carta do Padre Zé.**

#### Carta de Dom Giuliano

Nos dias 3, 4 e 5 de setembro eu tive a agradável visita de Padre José Belinquete com a companhia do nosso amigo Anderson. Logo que eu o vi, na idade dele, descer do avião, usar uma cadeira de rodas para não atrasar a chegada no hall do aeroporto, eu disse: meu Deus, como ele vai conseguir, amanhã dia 4 de

setembro de 2019, chegar até à última aldeia cabocla? E na primeira aldeia indígena no Rio Uaicurapá? Mas surpreendi pelo olhar e pelo abraço do Padre José, a vida da gente, a missão da gente.

Tendo recebido já os livros sobre a catequese, escritos por ele, e também sobre o ensino religioso nas escolas, já sabia que eu estava na frente de um homem de uma cultura extraordinária. Eu me senti acompanhado naqueles dias, naquelas hora, naquela viagem por um homem como São Paulo, que tinha no coração somente o desejo de comunicar a beleza da novidade que é Cristo Jesus e nós tivemos uma grande sorte, Deus nos ajudou naquele dia sem chuva, com um sol que iluminava a criação amazônica.

Eu vi nos olhos do Padre José aquele maravilhamento que tocou Adão e Eva diante da Criação, que toca o coração das crianças quando se deparam com algo de muito belo; eu também nunca tinha visto certos factos que aconteceram naquele dia. Deus nos abençoou naquela viagem, mostrando para o Padre José, para mim e para Anderson coisas que nesses 40 anos de Amazônia eu nunca tinha visto. Sabia que existiam, como a gente sabe que existem maravilhas no mundo e aí aprendemos assim, a nos admirar um do outro, juntos nos admirarmos da beleza da própria natureza, assim como Papa Francisco falava na Laudato si’.

Tivemos a graça de ser recebidos por uma comunidade de caboclos, por uma mulher catequista, chefe da comunidade, que tinha conhecido há vinte anos atrás quando cheguei aqui em Parintins e com quem trabalhei há mais de dez anos na pastoral do menor. Então fomos recebidos lá longe, dentro do mato, como se estivéssemos na casa dela, aqui na cidade. Mas nós sentimos que a cidade mesmo era aquelas pessoas felizes de nos receber: nos receberam, nos proporcionaram um café da manhã, usando todos os recursos da floresta, da criatividade e eles contavam a vida deles enquanto tomamos café. Depois tivemos a graça de chegar numa comunidade indígena e lá vimos o desejo daquela comunidade de construir uma capela em alvenaria, já estava bem adiantada a construção e tive a oportunidade do Padre José poder

falar umas palavras para o povo, muito simples. E foi inesquecível para mim quando conversando com essa comunidade pedi às crianças e todos os adultos para rezarmos juntos a oração que Jesus nos ensinou e nunca vou esquecer, não somente o olhar de Padre José, mas também de uma criança, talvez de 9 ou 10 anos, 11 talvez, com uma devoção, que eu com 72 anos nunca tive rezando o Pai Nosso. No meu coração pedi a Deus que escolhesse um desses meninos para sere um dia padre lá naquela aldeia.

E depois fomos visitando as pessoas e Padre José como São Paulo se alegrava de todos aqueles que tinham dentro de si a alegria de encontrar o padre, o bispo, esse visitante como se o estivessem esperando há décadas e décadas. Então foi para mim, eu acredito que para o padre José também, algo de profundamente gratuito, belo. É aquilo que o Papa Francisco coloca na sua primeira carta, *Evangelii gaudium*, a alegria do Evangelho, que é o encontro de pessoas de idades diferentes, de culturas diferentes, mas que se encontram lá no fundo da simplicidade.

Então eu agradeço muito pelo

presente que Carol e Anderson trouxeram para mim e eu não posso esquecê-lo nunca mais, por isso fiquei preocupado quando ouvi que estava doente, mas graças a Deus, Carol me está dando a certeza que já se recuperou.

Eu vilá em Lisboa um monumento onde estavam representados os que iam para o mundo novo nos navios, soldados e tudo, e sempre tinha um frade, um padre que acompanhava. Eu vi em padre José como um dos membros daquele navio, que vinham não para conquistar uma nova terra, mas para oferecer a alegria do encontro com Jesus, assim como ele coloca nos livros que escreveu quando pensa na catequese e no ensino nas escolas. Eu não pensava que um homem de tanta cultura pudesse aguentar a fadiga daquela viagem, mas aquela cultura é uma cultura verdadeira. Uma cultura de quem abre a mente e o coração ao novo.

E para mim foi uma novidade muito agradável, inesquecível e que Deus abençoe todo o trabalho que ele fez neste novo Natal. E que abençoe também a Carol, Anderson e Chiara por terem se tornado amigos. Porque

é um tesouro muito grande que vocês partilharam comigo e eu agradeço muito. Um presente neste ano, antecipando a beleza do encontro com o Papa que por três semanas mostrou o mesmo olhar, a mesma atenção que o padre José usava para encontrar a Amazónia e o povo amazónico. O Papa dava ouvidos com o seu olhar, com o seu coração, anotava as coisas, por três semanas nos ensinou a viver a Amazónia com a mesma atitude que eu vi naquele dia de convivência com o padre José. Evangelizar começa assim, se admirar da obra de Deus, das pessoas, da natureza, da simplicidade e da grandeza que é o Evangelho e que é algo que interessa a todos e por isso cria, constrói em nós uma fraternidade que o tempo não destrói, porque Jesus, o Natal, é o eterno que entrou no tempo e quem o encontra nunca mais O esquece. Quem encontrou Paulo nunca mais o esqueceu e nunca mais vou esquecer padre José. Obrigado, parabéns e continue rezando por nós.

Dom Giuliano Frigeni  
16/12/2019



### **Um encontro inesperado (carta do Pe. José)**

Já conhecia um pouco o Senhor Dom Giuliano pelas informações que me foram dadas pela nossa amiga Carol. Mas tive a feliz oportunidade de o conhecer pessoalmente. À medida que o ia acompanhando em várias atividades da sua ação pastoral fui conhecendo melhor a sua pessoa, a sua personalidade e a sua ação pastoral e fui descobrindo algumas das muitas qualidades manifestadas na sua ação pastoral, uma das quais se me destacou foi a sua evangelização imediata, encarnada na cultura do seu país, a simplicidade e facilidade da relação, aberto, agradável, simpático, com adultos, jovens ou crianças. A sua pessoa e a sua personalidade são naturalmente simpáticas e atraentes para através dele as pessoas chegarem a Jesus Cristo; a facilidade e simpatia com que dialogava com os membros adultos da sua diocese, tanto os da cidade como os povos indígenas.

A Beleza da Natureza enquadrava-se bem na beleza da ação pastoral de Dom Giuliano.

Foi para mim gratificante ter convivido de perto com o Senhor Dom Giuliano.

Durante os três dias que convivi com ele facilmente se criou entre nós os dois uma simpatia, apreço, estima e amizade.

Foi mais um admirador que se tornou também um amigo. ■

# A nossa história e a história



João Grave

Recomendamos a que, antes de ler o texto observe atentamente esta tábua. Registe o que observa e, depois, faça zoom sobre esta imagem no seguinte link e leia a nossa reflexão: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-anunciacion/52a6820f-892a-4796-b99e-d631ef17e96a?searchid=5394bfa1-1586-2e08-7f8c-b7e9de177078>



Robert Campin (1375-1444) (atribuível), Anunciação, 1420-1425, óleo sobre tábua, 76x70 cm Museo del Prado, Madrid (Espanha)

**E**sta tábua foi adquirida por Filipe I ao artista Jacome Trezzo (c. 1515-1589), em 1584, tendo por destino o Mosteiro de São Lorenzo do Escorial. Encontra-se hoje no Museo del Prado, em Madrid.

O título que lhe está atribuído resume todo o complexo significado desta obra: fala-se do início da geração de Cristo. Para efeito, o pintor recorre à habitual divisão da composição em duas partes distintas, aqui feita por meio de um pilar, correspondentes à do Anjo e àquela outra da Virgem orante.

As três figuras essenciais da ação, Deus-Pai, o Anjo e Nossa Senhora, são enquadradas pelas arcarias e rendilhados de um complexo construtivo, similar a uma catedral. Por sua vez, as paredes desta construção são animadas por outras figuras, que facilmente escapam. São elas as esculturas que povoam os muros, ou os rematam, e as figuras presentes nos vitrais do interior da construção.

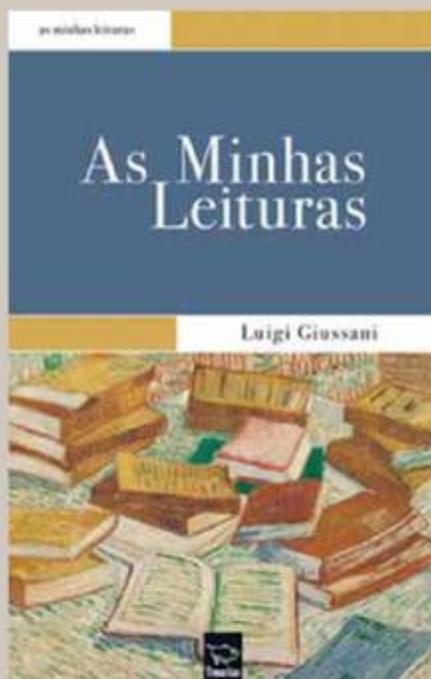
Estas peças, aparentemente acessórias, vêm enquadrar historicamente o que está para acontecer. Estamos diante de um momento decisivo: o anjo ainda não entrou na casa, tem a boca fechada, mas o gesto da mão que se ergue indica que se prepara para saudar a Virgem que, absorta na contemplação, ainda não se apercebeu da presença desta figura. Este corresponde ao tempo da ação.

Se repararmos, junto ao firmal que prende o pluvial do anjo, vê-se, ainda que incompleta, o início da saudação “AU[E]”. É como se estivéssemos nas frações de segundo que separam o pensar e o dizer! Mas, como dizíamos, estes dois elementos essenciais da narrativa (o Anjo e a Virgem), são enquadrados no tempo histórico por outros que se espalham pela arquitetura. Vemos, portanto, a figura do Rei David, aquele de cuja descendência Cristo procede. Mais acima, Moisés com as tábuas da Lei. No vitral mais à direita, na parte superior, a entrega das tábuas da Lei a Moisés, seguido do sacrifício de Isaac, prefiguração da crucificação. Este vitral apresenta ainda a figura ilegível de um doador e alguns elementos figurativos e heráldicos.

Ao tempo da ação presente representada corresponde, portanto, um outro tempo de maior amplitude que é o tempo histórico, ou a memória. No dizer do Pe. Giussani: «(...) o acontecimento presente estabelece uma memória que tem o seu conteúdo último naquele acontecimento passado», ou ainda, «A fé é consciência de uma presença que começou no passado (...)».

Assim, a Anunciação que presenciamos não é um acontecimento solto, mas parte de uma cadeia histórica mais vasta, onde Deus nos manifesta a Sua Presença. Note-se: são os detalhes, facilmente secundarizados, que enquadram esta Anunciação na História do Deus que Se faz presente.

A quarentena em que estamos coloca-nos diante de uma enorme composição: o nosso lar. Por demais conhecido, nos seus defeitos e qualidades, diante desta obra, e sem zoom, não percebemos os pequenos detalhes que a compõe, à semelhança do que aconteceu quando olhámos pela primeira vez esta Anunciação de Robert Campin. Foi um olhar disponível, atento ao detalhe, que nos permitiu perceber de que forma este momento da ação se enquadrava noutro mais amplo, correspondente à nossa História. ■



Luigi Giussani  
**As minhas leituras**

Como  
o poeta  
se torna  
profeta?



**Riccardo Sturaro**

# Apresentação do Livro do Mês

dia 16 de Abril

**com Davide Rondoni**

via ZOOM

Existe um fio condutor nas leituras de don Giussani. São prova disso os textos das conferências proferidas em diversas ocasiões e recolhidas no livro "As minhas Leituras": qualquer que seja o autor em questão, é sempre reite-rado um sublinhado.

A poesia, no seu auge, é profecia. «Todo o grande génio é, nalgum aspeto, profecia de Cristo». O artista, independentemente da sua posição confessional, é capaz de captar «o verdadeiro coração do homem» - escreve Giussani sobre Pascoli - como tensão para uma possibilidade adicional, para um ponto de fuga que domina a experiência do eu. Neste sentido, Lagerkvist, Leopardi ou Eliot apaixonam-nos porque prefiguram, na sua obra, uma outra dimensão, "mais além", como horizonte da existência. Observa o autor comentando Montale: «A razão não decifra o Mistério, mas revela o sinal da Sua presença em cada experiência humana».

De que modo pode tornar-se profeta um poeta nascido depois de Cristo? A questão joga-se a um nível ainda mais profundo porque se trata, principalmente, de quem é Cristo para Giussani, a que perfil corresponde este nome. «Cristo», explica Giussani, «é o Deus que se lembrou de mim»: é o Absoluto, o Significado, na medida em que se torna objecto da experiência, em que se encontra como homem na vida dos homens.

Esta é a intuição central de "As minhas leituras", o imprevisível inimaginável ao qual os poetas, abrindo-se, se tornam profetas. De facto, cada um dos autores propostos, num momento da sua aventura artística, pressentiu a urgência de que Deus cuidasse do homem, ou seja, daquilo de que o mundo é feito, o destino e o sentido, se "tornasse tu", segundo o neologismo dan-tesco: "se tornasse tu" no humano, identificando-se até coincidir com a vida de uma pessoa. O mistério da Encarnação reflete-se onde o génio literário encontra a hipótese de uma reviravolta total, graças à qual não é apenas o homem a aspirar à Beleza definitiva, mas é esta que, por sua vez, aceita tornar-se a sua «amante desconhecida».

Nas leituras de Giussani, é Cristo que realiza a tensão dos poetas, que cumpre a profecia sugerida de diversos modos. De facto, n'Ele, a plenitude de significado ocorre como companhia ao homem, identificação amorosa e permanência na finitude da carne: «Ele, chamando-te, tornou-se tu mesmo».





Um grupo de migrantes na fronteira de Pazarkule, tentando entrar na Grécia a partir de Edime, na Turquia.

**N**as fronteiras da Grécia, dezenas de milhares de Sírios estão reféns de um braço de ferro político entre Ankara e a Europa. Nas últimas semanas, a crise de refugiados na fronteira de Kastanies, ao longo do rio Evros, está cheia de sombras sobre o que está a acontecer, sobre as violências, a guerrilha e os centros de detenção. Só entre fevereiro e março estimam-se 400 detenções e 44 mil tentativas de entrada recusadas. O Papa pediu que a dor com a epidemia do Coronavírus «não nos faça esquecer os pobres Sírios», convocando de novo a comunidade internacional a fazer frente ao drama dos nossos irmãos que «têm de fugir da guerra, da fome, das doenças».

# Os olhos de David

Ele está mesmo ali, diante da loja onde ela tem de entrar. Pede esmola com a mão estendida, mas Rossella não tem sequer uma moeda no bolso. Passa por ele, entra, compra as decorações para o bolo do seu filho David. Enquanto paga, olha pela vitrine. Ele continua ali. Sai da loja com dois euros na mão. «Eu preciso, quero regressar a casa e ninguém me ajuda», diz-lhe o rapaz, com sotaque do Leste. Poucas palavras, o olhar de um colado ao da outra. Outro par de moedas e, de seguida, Rossella tem de ir-se embora.

Mas ele continua a falar e ela volta atrás: precisa de trinta euros, não sabe onde ir dormir, não tem um braço, diz, mostrando o coto do ombro. «Gastei vinte Euros em decorações, e ele precisa de dinheiro para regressar a casa», pensa. Dá-lhe outros dez. E outros ainda. E mesmo assim ele não desiste: «Dá-me o teu número de telefone. Quando chegar a casa, ligo-te». «Está bem. E tu, diz-me o teu nome». «David».

Tem um baque no coração. O mesmo nome, mais ou menos a mesma idade: poderia ser seu filho. Um sorriso, e depois Rossella recomeça a caminhar: «Rezarei por ti a Nossa Senhora», ouve gritar. «E eu por ti», responde-lhe ela.

Uma vez no carro, Rossella espera que David mergulhe rapidamente nos braços da sua mãe. E que se sinta contente. Por um instante, ao menos... Enquanto guia, ocorre-lhe um pensamento: «E se tivesse inventado tudo? Se fosse apenas um burlão deficiente? Por dinheiro faz-se qualquer coisa». Um sentimento de traição toma conta dela, a sensação de ser uma parva “senhora da caridade”. Mas o pensamento corre veloz: o que dizia a Escola de Comunidade? «Há uma ferida no coração... algo é distorcido... e o homem não consegue permanecer no verdadeiro». Ora, ainda que lhe tivesse mentido, ela voltara atrás e olhara-o verdadeiramente; e naqueles olhos vira-se a si mesma, nem mais nem menos. E

o seu desejo de sentir-se amada.

Os dias passam. Os olhos de David reaparecem de quando em vez. E um belo dia, toca o telemóvel. Um número desconhecido. Debaixo dele está escrito “Roménia”. «É o David, cheguei a casa!». Não fala do número que tinha dado, esse era italiano. O coração de Rossella está para rebentar: «Como estás?», «Bem, e tu? Obrigado por me teres ajudado», «Cumprimenta por mim a tua mãe. Quero-te bem, David». «Também te quero bem». Uma alegria imensa. «Quem me ama ao ponto de me fazer viver tudo isto?», pergunta-se. «Sozinha não pararia junto de alguém que pede esmola». À noite chega também um WhatsApp. No perfil do WhatsApp reaparece o rosto de David. Nas mensagens uma fotografia: uma colagem de imagens do rosto de Cristo. Rossella aumenta a imagem. Fita-a. «Sim, David», responde: «Eu também acredito que Cristo moveu as minhas mãos, o meu coração e os teus passos». ■

Encontro com  
Henrique Leitão



Fernão de  
Magalhães

e a viagem impossível, 1519-1522

Conferência  
desgravada e editada  
num pequeno volume  
com as palavras do  
Professor Henrique e  
muitas das imagens  
projetadas.

**A NÃO PERDER!**  
Livro em formato  
digital

É possível obter contactando a secretaria.